

Lucas Casimiro Tibincoski Teixeira

**OS ESCRITOS DE BOAVENTURA DE BAGNOREGIO
NA *LITURGIA DAS HORAS***

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido ao Curso de Teologia da
Faculdade Católica de Santa Catarina
para a obtenção do grau de Bacharel
em Teologia
Orientador: Dr. Domingos Volney
Nandi

Florianópolis
2019

Ficha de identificação da obra elaborada com o auxílio da
Biblioteca Dom Afonso Nihues da FACASC

TEIXEIRA, Lucas Casimiro Tibincoski

Os escritos de Boaventura de Bagnoregio na *Liturgia da Horas* / Lucas Casimiro Tibincoski Teixeira; orientador: Domingos Volney Nandi – Florianópolis, SC, 2018.
73p.

Trabalho de Conclusão de Curso - Faculdade Católica de Santa Catarina. Curso Superior de Teologia.

Inclui referências:

1. Boaventura 2. Liturgia das Horas 3. Ofício das Leituras

Lucas Casimiro Tibincoski Teixeira

OS ESCRITOS DE BOAVENTURA DE BAGNOREGIO
NA LITURGIA DAS HORAS

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de **Bacharel em Teologia** e aprovada em sua forma final pelo Curso de Teologia da FACASC.

Florianópolis, 16 de agosto de 2019.

Prof. Dr. Rafael Aléx Lima da Silva
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof.
Orientador
Domingos Volney Nandi

Prof. Dr. Nome do Professor
Examinador
Nome da instituição proveniente

Prof. Dr. Nome do Professor
Examinador
Nome da instituição proveniente

À minha família: Davi José Teixeira,
Alice Tibincoski Teixeira e Silas José
Tibincoski Teixeira, por toda a
colaboração na minha caminhada
vocacional.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter me concedido o dom da fé.

À minha família, por me transmitir esse mesmo dom.

Aos meus irmãos de caminhada do Seminário Teológico Convívio Emaús, sobretudo meus colegas de turma: Clovis Martins, Judá Gabriel da Silva Freitas e Willian Vogel, por todas as horas de estudo em comum.

Às paróquias Nossa Senhora das Necessidades de Santo Antônio de Lisboa – Florianópolis e São Joaquim – Garopaba, bem como à Equipe Arquidiocesana de Pastoral Vocacional, com a qual realizei meus trabalhos pastorais, por terem me proporcionado a graça de traduzir a fé em obras.

Se [...] agora procuras saber como isto [a sabedoria mística] acontece, pergunta-o à graça, não à ciência, ao desejo e não à inteligência, ao gemido da oração e não ao estudo dos livros, ao esposo e não ao mestre, a Deus e não ao homem, à escuridão e não à clareza.

(Boaventura de Bagnoregio, séc. XIII)

RESUMO

A presente pesquisa é resultado de uma investigação bibliográfico-exploratória, que tem por objetivo evidenciar o contexto literário dos três textos de Boaventura de Bagnoregio contidos no *Ofício das Leituras* da *Liturgia das Horas*. Para tanto, o primeiro capítulo terá por cerne a Liturgia das Horas, buscando abordar seu contexto de desenvolvimento histórico desde o início do Cristianismo, bem como seus fatos precedentes. O segundo, trará o teólogo franciscano Boaventura de Bagnoregio e o desenvolvimento de seu pensamento no século XIII. No terceiro, apresentará os escritos de Boaventura que estão presentes no Ofício das Leituras da Liturgia das Horas e sua aplicação contemporânea.

Palavras-chave: Boaventura de Bagnoregio. Liturgia das Horas. Mística

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 A LITURGIA DAS HORAS DO I SÉCULO AO CONCÍLIO VATICANO II	19
2.1 ACENOS HISTÓRICOS	19
2.1.1 A Oração dos judeus no tempo de Jesus	21
2.1.2 A oração nos tempos apostólicos e patrísticos (séculos I a VI)....	23
2.1.3 A oração da Liturgia das Horas da Patrística à Idade Média (séculos VII – XV)	27
2.1.4 A oração da Liturgia das Horas do fim da Idade Média até a reforma do Concílio Vaticano II (séculos XVI a XX)	30
2.1.5 Ofício Divino das Comidades	32
3 BOAVENTURA E A ESCOLÁSTICA	35
3.1 O PERÍODO DA TEOLOGIA ESCOLÁSTICA	35
3.2 O MOVIMENTO FRANCISCANO E O PENSAMENTO ESCOLÁSTICO	38
3.3 VIDA DE BOAVENTURA DE BAGNOREGIO	39
3.3.1 A Obra de Boaventura.....	40
3.2.2 Espiritualidade de Boaventura: um olhar de Bento XVI	41
3.2.3 Itinerário do Homem para Deus	43
3.2.4 Sapiência nos escritos de Boaventura	44
4 BOAVENTURA NO OFÍCIO DIVINO.....	49
4.1 OS TEXTOS DE BOAVENTURA NA LITURGIA DAS HORAS	49
4.1.1 Hino	50
4.1.2 Salmodia	51
4.1.2.1 Salmos	51
4.1.2.2 O sentido cristão dos salmos	52
4.1.2.3 Antífonas	54
4.1.2.4 Salmodia da festa de Boaventura	55
4.1.3 Leitura da Sagrada Escritura	56
4.1.4 Leitura dos Padres e Escritores Eclesiásticos	56
4.1.5 Oração Conclusiva	59
4.2 BOAVENTURA EM OUTROS DIAS DO OFÍCIO	59
4.2.1 Solenidade do Sagrado Coração de Jesus	59
4.2.2 Segunda – feira da quinta semana do Tempo Comum	63
5 CONCLUSÃO	67
REFERÊNCIAS	71

1 INTRODUÇÃO

A Igreja, como dispensadora da multiforme graça de Deus, recebeu o encargo de santificar os membros do Corpo de Cristo de modo a configurá-los a Jesus Cristo, sua Cabeça. Dentre os meios de santificação, a Liturgia das Horas é uma das práticas propostas, uma vez que celebra o mistério da Páscoa sob o signo do sol e atualiza os efeitos da Eucaristia na extensão do dia. Unida para orar, a Igreja celebra nas diversas horas do dia o louvor ao seu Divino Esposo.

Esta pesquisa constitui-se numa elaboração, a partir de dados bibliográficos, de como se evidencia o conjunto literário de tais textos e o sentido de sua presença no referido Ofício. Em seu primeiro capítulo, abordará a Liturgia das Horas em seu contexto e desenvolvimento históricos, desde os primórdios do Cristianismo – e com alguns fatos precedentes, inclusive. Mostrará como rezavam os judeus no tempo de Jesus, bem como, após sua ascensão, oravam os apóstolos e como a oração da Igreja se desenvolveu ao longo do período patrístico, durante a Idade Média até a reforma do Concílio Vaticano II. Trará ainda uma breve explanação acerca do Ofício Divino das Comunidades, que é uma adaptação popular da Liturgia das Horas no Brasil.

O capítulo seguinte trará o contexto do século XIII, quando Boaventura de Bagnoregio desenvolveu seu pensamento e seus escritos: o período da teologia escolástica, com a influência do pensamento filosófico e teológico, a influência dos dominicanos e dos franciscanos nesse período; a vida de Boaventura, sua espiritualidade e sua mística, presentes tanto em sua vida como em suas obras, que se destacam, principalmente, pela sapiência.

No último capítulo, a pesquisa apresentará os escritos de Boaventura que atualmente compõem o Ofício das Leituras da Liturgia das Horas, buscando mostrar a relação de tais textos com a contemporaneidade.

Uma das Horas Canônicas – o Ofício das Leituras – distribui aos fiéis os textos de Escritores Eclesiásticos, de modo a trazer sempre presente a atualidade da Sagrada Escritura, que ontem e hoje é sempre Palavra viva e atual. Dentre os autores das mais variadas épocas, escolheu a Igreja três recortes de textos de Boaventura de Bagnoregio para inserir no seu Ofício Divino, de modo a trazer para os leitores hodiernos os tesouros da reflexão teológica neles contidos. Tais leituras se encontram na Segunda-Feira da quinta semana do Tempo Comum, na Solenidade do Sagrado Coração de Jesus e na Memória Litúrgica de São Boaventura.

Assim, seja no início do Cristianismo, seja nos dias atuais, o Espírito Santo suscita a interpretação e a aplicabilidade daquilo que já se orou, pregou, exortou e continua vigente e atual, enquanto a Igreja peregrina neste mundo rumo ao seu Senhor.

2 A LITURGIA DAS HORAS DO I SÉCULO AO CONCÍLIO VATICANO II

O primeiro capítulo dessa pesquisa apresentará um panorama da Liturgia das Horas, considerando seus primórdios pré-cristãos, como a oração dos judeus nos dias da vida terrestre de Jesus, o desenvolvimento da Liturgia das Horas cristã na era apostólica, patrística, medieval e sua estrutura atual promulgada no Concílio Vaticano II. Exporá também o Ofício Divino das Comunidades, que é uma adaptação popular da Liturgia das Horas. O objetivo desse capítulo é introduzir o leitor na Liturgia das Horas, uma vez que a pesquisa abordará, principalmente, os escritos de Boaventura numa das Horas Canônicas: o Ofício das Leituras.

O Concílio Vaticano II teve, dentro das reformas que promoveu, uma sensibilidade particular para com a reforma litúrgica. Nesse contexto, a liturgia é entendida como meio pelo qual se opera o fruto da redenção humana. Ela contribui em sumo grau para que os fiéis expressem na vida e manifestem aos outros o mistério de Cristo e a autêntica natureza da verdadeira Igreja, que é simultaneamente humana e divina, visível e dotada de elementos invisíveis, empenhada na ação e dada à contemplação, presente no mundo e, todavia, peregrina. Mas isso de forma a subordinar o que nela é humano ao divino, o visível ao invisível, a ação à contemplação.

A liturgia, ao mesmo tempo em que edifica os que estão em si, templo santo no Senhor, robustece de modo admirável as suas energias para pregar/manifestar Cristo e mostrar a Igreja aos que estão fora, como sinal erguido entre as nações, para reunir à sua sombra os filhos de Deus dispersos.¹ Com isso, a Liturgia das Horas também sofreu mudanças em sua estrutura.

2.1 ACENOS HISTÓRICOS

A Liturgia das Horas tem como origem aquele ideal espiritual proposto pelo Novo Testamento, tanto nas palavras de Jesus como nos escritos das epístolas: a oração incessante.

¹ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Dogmática *Sacrosanctum Concilium*. In: VIER, Frederico (Coord.). **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. 23. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994. p. 37-117.

A Liturgia das Horas, como o próprio nome supõe, busca distribuir momentos de oração ao longo do dia e da noite, conforme o ritmo do sol e, por conseguinte, das horas. As correntes espirituais dos primeiros séculos haviam se inspirado nos costumes judaicos relativos à oração e, principalmente, no exemplo de Jesus e da comunidade apostólica para pautarem seu próprio ritmo de oração cristã.²

² MARTIMORT, Aimé Georges. **A Igreja em oração**: a liturgia e o tempo. Petrópolis: Vozes, 1992. v. 4. p. 150.

2.1.1 A Oração dos judeus no tempo de Jesus

O culto cristão realizou uma ruptura com a liturgia do Templo de Jerusalém e das prescrições judaizantes da Antiga Lei. Porém essa ruptura não foi abrupta e radical como que abandonando todos os costumes, mas dando um novo sentido a partir da ressurreição de Cristo. Desse modo, Jesus e os apóstolos rezaram, no início, como todos os demais judeus. O ritmo “da oração judaica, devido ao fato de serem as primeiras comunidades judaico-cristãs era baseado na Sagrada Escritura e de contínua meditação.”³

Na oração judaica era observado um duplo ritmo, que embora diferente em sua origem e natureza, acabava se confundindo. O primeiro ritmo tinha como inspiração a prescrição do Deuteronômio: ao levantar e ao deitar o fiel deveria recitar o *Shemá*.⁴

Comentários rabínicos e numerosos documentos constataam a exigência desses tempos de oração. Primeiramente ligados ao ritmo da vida dos homens – o deitar e o levantar – foram logo associados ao ritmo da natureza: o cair da noite e a aurora.⁵

Junto desse ritmo de dois tempos diários apresentava-se também um outro ritmo que possuía três momentos ao longo do dia:

Vem já atestado pelo livro de Daniel, no século III antes de Cristo: quando soube da decisão do rei de proibir toda oração que não lhe fosse exclusivamente dirigida, Daniel “dirigiu-se à sua casa; as janelas do aposento superior estavam orientadas para Jerusalém, e ele três vezes ao dia se lançava de joelhos, rezando e louvando a Deus, como estava habituado a fazê-lo” (Dn 6,11); o mesmo costume se encontra no livro de Judite (9,1; 12,5-6; 13,3).⁶

³ MARTIMORT, 1992. p. 151.

⁴ MARTIMORT, 1992. p. 151.

⁵ MARTIMORT, 1992. p. 151.

⁶ MARTIMORT, 1992. p. 151.

Também havia outros momentos de oração em dias mais solenes em certos costumes mais locais. Jesus e seus primeiros seguidores descendem desse povo orante.⁷

⁷ MARTIMORT, Aimé Georges. **A Igreja em oração**: introdução à liturgia. Petrópolis : Vozes, 1991. v. 3. p. 907-908.

2.1.2 A oração nos tempos apostólicos e patrísticos (séculos I a VI)

Os primeiros cristãos têm os seus antecedentes na oração judaica. A grande originalidade, porém, está não em inventar novas fórmulas, mas em buscar inspiração num outro espírito.⁸ Jesus modificou radicalmente a atitude orante da pessoa diante de Deus.

Ele insistia na humildade e simplicidade, nesse sentimento de pobreza, graças ao qual o cristão ao orar, atreve-se a apresentar-se diante de Deus, não por ser digno, mas precisamente por sua indignidade. Se, doravante, a oração deve ser ao mesmo tempo intensa e contínua, é porque o Reino de Deus está próximo: a doutrina de Jesus visava menos o culto do Templo Judaico, suas práticas e fórmulas, suas cerimônias, que o templo novo que devia elevar-se de seu sacrifício.⁹

Os cristãos dos três primeiros séculos estavam fortemente impregnados da idéia de sua mútua comunhão em Cristo. Tal comunhão se manifestava nas orações litúrgicas da comunidade e também nos costumes próprios dos batizados.

Conforme foi se afastando do judaísmo, a Igreja foi organizando um culto mais autônomo e mais completo. A oração era valorizada pelo seu caráter fortemente comunitário e também por estar ligada aos apóstolos e seus sucessores. Sua forte marca litúrgica se dava por ser celebrada em assembleia com a direção do presidente, originando-se assim, o Ofício Divino.¹⁰

Com o passar dos anos, um desenvolvimento na estrutura e na oração litúrgica da Igreja pôde ser observado. Já no capítulo oitavo da *Didaque*, os apóstolos pediam para que o povo rezasse três vezes ao dia.¹¹ Dentre os elementos que compõem a reforma litúrgica dos primeiros séculos, percebe-se que aos poucos a liturgia toma forma e, com normalidade, passa a sofrer alterações.

Na primeira metade do século III a Igreja era marcada por intenso fervor espiritual. A oração se encaminhava para ser algo contínuo

⁸ MARTIMORT, 1992. p. 151.

⁹ MARTIMORT, 1991. p. 907.

¹⁰ MARTIMORT, 1991. p. 908.

¹¹ DIDAQUÉ: O Catecismo dos primeiros cristãos para as comunidades de hoje. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 1989. p 17.

conforme ensinaram o Senhor e os apóstolos. Jesus ressaltava a importância de rezar sempre e os primeiros cristãos seguiram com fidelidade este ensinamento: frequentavam o Templo com os judeus piedosos; em breve se reuniram eles mesmos para orarem juntos no Cenáculo e em casas particulares: punham assim em prática os preceitos de Jesus. Os Padres da Igreja insistiram nessa doutrina. Conforme Cipriano, em nenhuma hora deve faltar a adoração a Deus; segundo Clemente de Alexandria, toda a vida cristã deve ser uma oração.¹²

A consagração a Deus manifestou-se, então, na consagração das horas do dia para o seu louvor. Os romanos dividiam o dia em quatro horas distintas: prima, terça, sexta e nona. Também dividiam a noite em quatro vigílias: a primeira vigília à tarde, a segunda vigília à meia-noite, a terceira vigília à hora do galo, e a quarta vigília à aurora. Com o tempo essa divisão se desenvolveu e se consolidaram as horas canônicas.¹³

Do século III ao século VI foi-se solidificando cada vez mais as horas canônicas como se encontram hoje, principalmente o costume da oração da manhã e da tarde com as Laudes e as Vésperas, respectivamente. Também as divisões durante o dia e a oração noturna e, por fim, das horas noturnas. Nessa época surgiram os hinários e as leituras bíblicas com sermões dentro da Liturgia das Horas.¹⁴ Faz-se mister destacar que

[...] o simbolismo das Horas, como tinha sido elaborado por Clemente, Orígenes, Hipólito, Tertuliano e Cipriano, será adotado e transmitido por todos os autores que virão abordar a oração: sua apresentação mais ou menos definitiva será obra de João Cassiano, no final do século IV. Ele haverá de inspirar em grande parte os textos e gestos que farão da Liturgia das Horas recordação cotidiana da economia da salvação.¹⁵

Nos séculos III e IV se começou a estruturar a Liturgia das Horas com a adoção do canto dos salmos em modo responsorial e também conforme o momento do dia em que se reunia o coro.¹⁶ Assim se formaram os inícios do saltério que “foram repartidos segundo dois

¹² MARTIMORT, 1991. p. 910.

¹³ MARTIMORT, 1991. p. 911.

¹⁴ MARTIMORT, 1991. p. 914.

¹⁵ MARTIMORT, 1992. p. 118.

¹⁶ MARTIMORT, 1991. p. 916.

esquemas diferentes: num, escolhiam-se palavras adaptadas a determinadas horas e aplicavam-se a Laudes e Vésperas e, o outro, de origem monástica, era habitualmente empregado nas vigílias noturnas: seguia-se a ordem numérica do saltério. O saltério é, na verdade, ao mesmo tempo que Palavra de Deus, a oração do homem.¹⁷

É uma oração que toma sempre como ponto de partida uma realização antiga do mistério, mas que, na ação de graças por estas bênçãos exprime sempre a mais ousada expectativa duma realização cada vez mais plena. Nenhuma outra oração é reconhecimento mais perfeito do que Deus já fez como dum germe que deve florescer na plenitude do futuro. Mas ainda para apreender nos salmos este valor, não basta compreender-lhes o sentido literal: é necessário reintegrá-los na perspectiva teológica do mundo e da história sagrada e interpretá-los em relação com o mistério de Cristo.¹⁸

Foi ao longo do século IV, com a paz constantiniana, que a Igreja mais livre teve a sua vida litúrgica favorecida e ao mesmo tempo surgiram novas necessidades como atender ao grande número de fiéis. As Igrejas Particulares começaram a se unir mais entre si; a Igreja de Roma ganhou maior destaque como a unidade na universalidade e, com isso, a organização da oração litúrgica se tornou comum a todo o corpo eclesial.¹⁹ Outra mudança significativa foi o fato de a Oração das Horas tornar-se comunitária e se organizar em quase todos os lugares sob duas formas: o ofício catedral, que é a oração do povo cristão com seu bispo e seu clero; e o ofício monástico que é a oração dos ascetas e dos monges.²⁰

No período de transição do século IV para o século V se formaram duas tradições: das comunidades paróquias e dos monges.²¹

À medida que os santuários se multiplicam, o culto organiza-se em conformidade com duas tendências que se completam: uma vem das

¹⁷ MARTIMORT, 1991. p. 916.

¹⁸ MARTIMORT, 1991. p. 916-917.

¹⁹ MARTIMORT, 1991. p. 918.

²⁰ MARTIMORT, 1991. p. 160-161.

²¹ MARTIMORT, 1991. p. 161.

comunidades paroquiais ou catedrais, a outra das comunidades monásticas. A estabilização conseguida nas igrejas particulares e nos mosteiros provoca as diversas modificações do ofício. Toda a comunidade eclesial ou monástica podia ter o seu.²²

Essas duas maneiras de recitar o ofício criaram uma grande riqueza, pois as duas, com suas características próprias, fizeram florescer na Igreja o costume de rezar todas as horas do dia, principalmente nos mosteiros, e também a celebrar em comunidade as solenidades, domingos e festas importantes nas Igrejas Catedrais.

Nas Igrejas, paroquiais ou catedrais, a comunidade, sob a presidência e com a colaboração das várias ordens do clero, celebra um ofício mais simples, que não passa habitualmente da antiga reza diária das orações da manhã e da tarde, ou seja, Laudes e Vésperas. Ao passo que o *ordo monasticus* se caracteriza pela recitação dos salmos *currente psalterio*, o *ordus cathedralis* diferencia-se por uma grande riqueza de fórmulas, sobretudo em antífonas, responsórios e orações.²³

Conviveram dessa maneira duas espécies de ofícios: o monástico, de forma mais completa; e o paroquial, mais simples e direcionado ao clero secular e às comunidades paroquiais ou catedrais.²⁴

No início do século VI houve numerosos testemunhos que mencionam as assembleias cotidianas. A participação nas horas matinais e vespertinas se tornou algo comum na vida da comunidade. Além dessas duas reuniões de orações cotidianas, os fiéis eram convidados também a participar de vigílias e assembleias noturnas.²⁵

À imitação da vigília pascal, outras grandes festas foram celebradas por meio de uma vigília, comportando leituras, orações e cantos, e

²² MARTIMORT, 1991. p. 919.

²³ MARTIMORT, 1991. p. 926.

²⁴ MARTIMORT, 1991. p. 927.

²⁵ MARTIMORT, 1991. p. 161.

terminando com a celebração da missa: Natal, Epifania, Pentecostes.²⁶

2.1.3 A oração da Liturgia das Horas da Patrística à Idade Média (séculos VII – XV)

Após o século VI, o Ofício Divino já estava bem formalizado e cada comunidade começou a rezar com as próprias matizes. Nesse período se ordenaram dois elementos principais como a recitação particular e disciplinar pelo clero, mesmo privadamente, e também o esquema de salmos, cânticos, hinos, antífonas, leituras, responsórios e orações que seguiram todo esse longo período. Também nestes séculos se consolidou o ofício próprio em cada região eclesial com seus santos e também sua própria cultura.²⁷ A liturgia da recitação das horas diversificou nesses séculos e os ofícios começam a ter uma série de variações conforme as regiões das igrejas particulares.

No final do século X, porém, começou a se delinear um único ofício para toda a igreja com a influência da tradição beneditina de Montecassino. Foi quando surgiram os primeiros breviários.²⁸

Conforme o ofício foi se tornando mais carregado de apêndices e novos elementos, sua recitação foi reduzida, tornando-se para os clérigos um pesado dever. Já se tornara obrigatória a recitação por parte dos clérigos e, com os padres morando mais isoladamente e longe da catedral, a recitação individual foi se impondo. Devido a isso, começou-se em várias regiões a se abreviar a recitação.²⁹ Assim, desde o século X, tentou-se

[...] abreviar o antigo ofício, por exemplo na Alemanha, e mesmo em Roma, reduzindo Matinas a três salmos, três lições e três responsórios. Por toda parte se tinha adoptado (sic) sem resistência a legislação carolínea, com a celebração coral, solene e quotidiana. Numerosos textos confirmam a tendência para abreviar o ofício e constatam que muitos clérigos faltavam ao coro. Em Roma, o século X marca

²⁶ MARTIMORT, 1991. p. 161.

²⁷ MARTIMORT, 1991. p. 931.

²⁸ MARTIMORT, 1991. p. 954.

²⁹ MARTIMORT, 1991. p. 960.

um período de declínio geral, refletido igualmente na liturgia.³⁰

No século XI se esboça uma renovação litúrgica que deu origem ao volume com todas as fórmulas e ritos do Ofício. Essa formação foi complexa e cheia de fases e etapas, sendo adotada gradualmente e também se expandindo pouco a pouco nas várias regiões da Igreja e no mundo.³¹ Esse processo

[...] começou no início do século, pela composição de coleções das colectas (sic) e dos capítulos do Ofício, aos quais se juntaram, por vezes, outras orações e bênçãos. Depois, a esta primeira compilação, juntaram-se outros elementos: hinos, antífonas, algumas lições com seus responsórios; estes diversos elementos que primeiramente permaneceram unidos como coleções (sic) primitivas, foram depois apresentados na ordem do ano litúrgico de modo a tê-los todos juntos para o mesmo dia.³²

Surgiram igualmente breviários-missais, completos antes de se ter o breviário como tal e a sua recitação comum e privada, com textos e calendário conforme o tempo litúrgico nos finais do século XI.

No século XII se iniciou a reforma do breviário como consequência da reforma gregoriana. Já não mais se buscava uma mudança na estrutura do ofício, mas tinha-se uma nova atitude da Igreja, buscando impor o primado romano progressivamente na liturgia de toda a Igreja. Doravante o ofício romano começou a impor-se a todo ocidente.³³

O renascimento do século XII teve repercussões sobre a oração das horas por causa das alterações que pôs na vida do clero. A vida em comum era, de fato, pouco seguida pelos clérigos seculares. [...] os clérigos seculares afastavam-se cada vez mais do serviço da sua igreja por receberem benefícios – canonicato, prebendas, capelarias –

³⁰ MARTIMORT, 1991. p. 960-961.

³¹ MARTIMORT, 1991. p. 961.

³² MARTIMORT, 1991. p. 961.

³³ MARTIMORT, 1991. p. 962-963.

que não incluíam cargo de almas, nem obrigação de residência. Os bispos tinham, por vezes, a seu serviço, na Cúria, um grande número de clérigos. Frequentando milhares deles a universidade, e todos beneficiários, estavam incapacitados de cumprir o dever de servir sua igreja. Nestas condições o ofício solene tendia a ser abandonado.³⁴

Assim, o Ofício Divino se transformou no breviário com um rito próprio para ser recitado individualmente ou em comunidade, porém, mais breve. Ele se popularizou muito com a ordem franciscana que o adotou nas suas comunidades e se difundiu em muitas regiões e paróquias entre o clero secular. Surgiu com isso um movimento espiritual do qual a instituição dos Frades Menores foi a principal expressão da reforma do breviário, tornando-o mais conciso e mais prático.³⁵

Nos séculos XIII e XIV o breviário já

[...] compunha-se de cinco partes: 1) calendário; 2) saltério, com cânticos, antífonas, capítulos, hinos; 3) o temporal; com antífonas, lições, responsórios e orações próprias; 4) o santoral, com o próprio e o comum dos santos, cujos ofícios eram de nove salmos e nove lições. [...] 5) os ofícios *de Beata* e dos Defuntos. Seguiam-se as rubricas gerais e as *Rubricae novae*, que autorizavam largamente as transladações das festas, muitas das quais com oitava.³⁶

Também nesta época a principal mudança não foi mais somente a estrutura, mas também o modo como era celebrado. Torna-se cada vez mais obrigatório aos clérigos, por parte de normativas de concílios e sínodos, a recitação individual e privada do ofício.³⁷

Santo Tomás põe o princípio que permitirá confirmar e sancionar teologicamente a celebração solitária do ofício e, mais tarde,

³⁴ MARTIMORT, 1991. p. 963.

³⁵ MARTIMORT, 1991. p. 964-965.

³⁶ MARTIMORT, 1991. p. 965.

³⁷ MARTIMORT, 1991. p. 966.

justificar-lhe a obrigação. Distingue um duplo dever: um para com Deus, outro para com a Igreja, de quem o clérigo recebe um benefício.³⁸

No século XV, segundo o liturgista Raul de Tongres, já era prática corrente a recitação do Ofício junto com os ordinários e as rubricas que indicavam as normas e o modo como deveria ser a recitação privada da Liturgia das Horas.³⁹

2.1.4 A oração da Liturgia das Horas do fim da Idade Média até a reforma do Concílio Vaticano II (séculos XVI a XX)

No século XVI, o Concílio de Trento (1545 – 1563) não conseguiu concluir a reforma do então chamado *Breviarium Romanum*, de modo que apenas em 1568, o papa Pio V pôde apresentar a uniformidade da oração canônica.⁴⁰

No breviário de São Pio V o calendário foi aliviado, com a supressão de algumas festas; foi reduzida a solenidade de outras e várias oitavas suprimidas. [...] O saltério conservava a antiga distribuição pela semana; [...] As lições hagiográficas e artísticas foram notavelmente emendadas. Reduziram-se os ofícios suplementares.⁴¹

Porém, essa reforma tinha um sentido muito maior, pois a espiritualidade do Ofício Divino agora se orientava por novas perspectivas. A influência dos jesuítas, no século XVI e XVII, ajudou a tornar regra a recitação privada, principalmente nas novas congregações que estavam surgindo.⁴²

Nos séculos seguintes, várias inovações foram feitas pelos papas Sixto V, Clemente VIII, Urbano VIII, Clemente XI e outros. Depois disso, somente em 1911, com o papa Pio X, foi mandado publicar o novo breviário, o qual reestabeleceu o antigo uso de recitar os 150 salmos no curso de cada semana, renovou-se a disposição do saltério e o

³⁸ MARTIMORT, 1991. p. 967.

³⁹ MARTIMORT, 1991. p. 967-968.

⁴⁰ MARTIMORT, 1991. p. 973.

⁴¹ MARTIMORT, 1991. p. 973-974.

⁴² MARTIMORT, 1991. p. 974-975.

ciclo das leituras bíblicas, bem como se enalteceu o ofício dos domingos, dando-lhe precedência sobre as outras celebrações.⁴³

Nos séculos XVIII e XIX se entendeu que há um único ofício tanto para a recitação privada como para as celebrações em coro. Essa reforma buscou justamente entender que “é pela mútua união destas igrejas (particulares) entre si e com a de Roma que a celebração das horas era a oração da Igreja universal.”⁴⁴

A atual estrutura da Liturgia das Horas teve seu início antes da convocação do Concílio Vaticano II, com o papa Pio XII, e posteriormente com o papa João XXIII, de modo que em 1960 este pontífice publicou no *Código das Rubricas*, as normas sobre o breviário e confiou ao Concílio que convocara um estudo mais aprofundado dos fundamentos da liturgia.⁴⁵

No pontificado de Pio XII (1939-1958) depois da Segunda Guerra Mundial, fez-se uma comissão especial para a reforma do breviário, onde apareceu uma nova versão latina do saltério, feita pelos jesuítas, e um decreto de simplificação das rubricas, publicado por João XXIII, deixando declarado que os princípios de uma reforma geral da liturgia seria decidida pelo concílio, consultando o episcopado do mundo inteiro.⁴⁶

É relevante precisar aqui a diferente nomenclatura que foi utilizada, no decorrer dos tempos para se referir às orações das horas. Conforme sintetiza Raffa Vicente, o termo *Liturgia das Horas* foi adotado a partir do contexto do Concílio Vaticano II. Essa expressão substituiu o nome *Breviarium*, que expressava originariamente caráter de síntese que a oração passou a ter na baixa idade média.⁴⁷

Outro aspecto que o Concílio Vaticano II resgatou, e que já fora assinalado por João XXIII, é o sentido da “verdade das horas” que tinha sido esquecida pelo rubricismo exagerado e pela compactação da recitação das horas num único momento do dia, para cumprir a obrigação da Liturgia das Horas. Assim, no Concílio Vaticano II, as decisões foram tomadas a fim de que fosse possível a recitação das

⁴³ LITURGIA das horas: ofício das leituras. São Paulo: Paulinas, 1978. p. 27.

⁴⁴ MARTIMORT, 1991. p. 984.

⁴⁵ LITURGIA das horas, 1978, p. 10.

⁴⁶ MARTIMORT, 1992. p. 224-225.

⁴⁷ VICENTE, Raffa. Liturgia das Horas. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille M. (Org.). **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 651-670. p. 652.

horas como a conservou a tradição, mas de uma forma adequada ao cotidiano dos fiéis.⁴⁸

A Liturgia das Horas teve uma reestruturação, de modo que o cântico de louvor, que ressoa eternamente nas moradas celestes, e que Jesus Cristo, Sumo Sacerdote, introduziu nesta terra de exílio, continuasse repetido pela Igreja ao longo dos séculos e constasse na variedade de suas formas.

2.1.5 Ofício Divino das Comunidades

Em sintonia com a Tradição da Igreja e também como consequência do Concílio Vaticano II, no Brasil, pelo ano de 1980, sob inspiração do padre Geraldo Leite, na comunidade de Ponte dos Carvalhos surgiu o Ofício Divino das Comunidades. É proposta uma forma de celebrar junto com o povo as horas do dia. Com inspiração nos salmos e também em poemas da devoção popular que enchem de espiritualidade bíblica a cultura latino-americana.⁴⁹

No esforço por uma liturgia fiel à tradição, mas com o rosto de nossas raças, tem reconhecido no Ofício Divino das Comunidades (ODC) importante referência de oração. De fato, o Ofício das Comunidades é uma herança que abraça a tradição antiga da Igreja e a espiritualidade latino-americana. É uma fonte onde beberam Jesus e as primeiras comunidades cristãs, e onde buscam água ainda hoje muitas pessoas que gostam de orar com salmos à luz da páscoa de Jesus: as CEBs [Comunidade Eclesial de Base] do campo e da cidade.⁵⁰

Na apresentação à sétima edição, Dom Clemente José Carlos Isnard afirma que o Ofício das Comunidades é uma tentativa de fazer chegar ao povo as enormes riquezas que se tem na Liturgia das Horas.⁵¹ Também deixa explícito que há no povo uma sede de oração e que o Ofício Divino das Comunidades, mesmo não sendo a Liturgia das

⁴⁸ MARTIMORT, 1992. p. 166.

⁴⁹ REDE CELEBRA. **De onde vem o ofício divino?** in:

<http://www.redecelebra.com.br/cms/upload/arquivos/historia.pdf>

⁵⁰ CARPEANDO, Penha. **Uma palavra sobre Ofício Divino.** 1ª parte. p. 5.

⁵¹ CARPEANDO, p. 5

Horas, tem como intuito levantar o nível da oração do povo brasileiro em sintonia com a da Tradição mais antiga da Igreja.⁵²

O que foi até aqui narrado não é apenas uma mera descrição de fatos sucessivos ao longo da história da Igreja, desvinculados entre si mas, contrariamente, a conexão desses fatos é o próprio Cristo, fundamento da Igreja e seu Esposo. O Ofício da Igreja é a oração de Cristo e a sua teologia é o que permeia e conecta toda a história, dando-lhe razão de existir. Da mesma forma, a oração de Cristo é a oração da Igreja, isto é, de todos os fiéis que fazem parte do Corpo de Cristo.⁵³

No plano redentor, o ofício contribui para o crescimento da Igreja, Corpo de Cristo. Ele aí está presente, não apenas por ter dito: “onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, Eu estarei no meio deles”, mas porque Ele penetra-o, como a Igreja na sua própria essência.⁵⁴

Tal oração da Igreja provém de cada fiel, templo do Espírito Santo e louva ao Pai e ao Filho.

Cada um é pessoalmente este templo, e no entanto todos formamos apenas um templo que tenha fé por alicerce e os fiéis por pedras vivas. É neste templo que se exerce o sacerdócio novo.⁵⁵

O Espírito Santo, que outrora inspirou os salmistas, continua a assistir aqueles que, salmodiando com fé, proferem tais poemas. É sempre necessário, porém, que esses adquiram a mais rica possível formação bíblica, sobretudo quanto aos salmos, para assim compreenderem de que modo e com que método poderão orar corretamente.⁵⁶

Essa experiência é tão mais rica quanto mais penetrante e permeada em meio a estudos, vivência espiritual e mística. Por isso, considerando que a Liturgia das Horas é um dom a todos os fiéis mas que, é ainda mais incentivada aos religiosos – dada sua consagração a

⁵² CARPEANDO, p. 6.

⁵³ MARTIMORT, 1991, p. 996.

⁵⁴ MARTIMORT, 1991, p. 997.

⁵⁵ MARTIMORT, 1991, p. 997-998.

⁵⁶ INSTRUÇÃO Geral da Liturgia das Horas. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. v.1; p. 50.

Deus pelos votos ou pela Ordem Sagrada – sua vivência em comunidades religiosas tende a ser ainda mais apreciada, uma vez que entre o grupo de fiéis, seu conteúdo se associa diretamente aos hábitos diários e a busca de Deus pelo trabalho, pela oração e pelo estudo. A salmodia ao som do órgão, da cítara ou da harpa, auxilia o espírito dos fiéis à ascese e, conseqüentemente, à comunhão com Deus. É o mistério do Onipotente que se faz presente no cotidiano, no contemplar das coisas simples, conforme diz o autor sagrado: “Ele se deixa encontrar pelos que não exigem provas e se manifesta aos que nele confiam” (Sb 1,2).⁵⁷

Com essa visão geral da Liturgia das Horas dentro de seu desenvolvimento histórico, esse capítulo buscou expor a importância da oração na Igreja e o Ofício Divino como forma privilegiada para tanto. Boaventura de Bagnoregio é um dos autores eclesiais presentes na Liturgia das Horas e o próximo capítulo dessa pesquisa trará o pensamento desse autor dentro de seu contexto histórico e teológico.

⁵⁷ BÍBLIA de Jerusalém. 8. ed. São Paulo: Paulus, 2008. p. 1873.

3 BOAVENTURA E A ESCOLÁSTICA

Antes de adentrar no pensamento de Boaventura, será apresentada uma breve história da teologia escolástica no século XIII, período no qual ele viveu. Faz-se mister considerar que durante esse período a teologia e a filosofia tinham uma função complementar.

3.1 O PERÍODO DA TEOLOGIA ESCOLÁSTICA

O século XIII representa o período culminante da especulação teológica da escolástica, apesar de ser uma época complexa e de difícil interpretação por abranger diferentes elementos religiosos, sociais e culturais.⁵⁸ É o “tempo em que se elabora a teologia que formará o ensino teológico nas escolas”⁵⁹ e, conseqüentemente, demonstrará seu impulso no campo da cultura.

A fé católica é confessada na maioria dos países ocidentais e penetra em todas as classes sociais.⁶⁰ As ordens mendicantes, com sua influência no campo religioso, social e doutrinário, bem como o conhecimento de obras filosóficas mas também teológicas com Tomás de Aquino, perpassando um aristotelismo cristianizado⁶¹ também são características relevantes desta época.⁶² Nesse período surgem as universidades, a criação mais original e fecunda da civilização ocidental medieval e, ao mesmo tempo, a expressão e o resultado de um novo espírito e de uma nova mentalidade, em meio às corporações, classes burguesas e grupos que têm os mesmos interesses econômicos.⁶³

Ao lado das grandes catedrais da época surgiram as *scholae* onde, para a preparação da intelectualidade da época, a filosofia, bem como a teologia escolástica era exercitada. Numa época em que o saber era sempre mais apreciado, havia prática da teologia em volta de um mestre e de seus discípulos, que eram formados profissionais da cultura. O problema apresentado ao leitor ao enfrentar as palavras da Escritura e da Tradição era chamado *questio* e tinha, dentro do método escolástico, um

⁵⁸ MERINO, José A.; FRESNEDA, Francisco M. (coord.). **Manual franciscano**. Trad. Celso Márcio Teixeira. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 9.

⁵⁹ GILSON, Etienne. **A filosofia na Idade Média**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 511.

⁶⁰ MERINO; FRESNEDA, 2006, p. 10.

⁶¹ GILSON, 2001, p. 512.

⁶² BAGNOREGIO, Boaventura de. **Escritos filosóficos e teológicos**. Porto Alegre: EDIPUCRS; São Paulo: USF, 1999. v.1. p. 46.

⁶³ MERINO; FRESNEDA, 2006, p. 11.

lugar central. Os textos influentes da época levantavam questões que eram discutidas por mestres e estudantes, Desses debates surgiam, por um lado, argumentos de autoridade, e, por outro, argumentos da razão, que se desenvolviam no sentido de encontrar uma síntese mais profunda da Palavra de Deus.⁶⁴ Boaventura diz que a teologia *é per additionem*, ou seja, “a teologia acrescenta a dimensão da razão à Palavra de Deus e assim cria uma fé mais profunda, mais pessoal e, por conseguinte, também mais concreta na vida do homem.”⁶⁵

Assim, diversas soluções foram encontradas e as conclusões obtidas começavam a formar um sistema de teologia, uma vez que a organização das *quaestiones disputatae*⁶⁶ compilavam-se sínteses cada vez mais extensas. Isso pelo fato de se comporem questões com as respostas que surgiam resultando em sínteses, denominadas *summae*, que se apresentavam como amplos tratados teológico-dogmáticos surgidos a partir do confronto da razão humana com a Palavra de Deus.

O propósito da teologia escolástica era apresentar a unidade e a harmonia da revelação cristã com um método, o da escola, precisamente chamado *escolástico*, que concede confiança à razão humana, pois a gramática e a filosofia ficam a serviço do saber teológico.⁶⁷

O pensador cristão, testemunhando sua experiência pessoal, procurou as mediações necessárias para afirmar racionalmente um fundamento transcendente para a existência, identificando-o com o Deus da fé. Um pensamento como o de Agostinho, embora situado na antiguidade cristã, por exemplo, poder-se-ia chamar de filosofia, porque traduz, na forma de *conceito*, o encontro de um absoluto transcendente no seio da razão, como origem radical e fim da razão mesma e do amor que dela nasce.

Observa-se que, no período medieval, os conteúdos essenciais e determinantes da fé cristã eram considerados pela opinião pública, mesmo profana, como um dado mais ou menos óbvio e seguro. Os autores puderam dedicar-se, então, a um tipo de reflexão mais

⁶⁴ BENTO XVI. **Os mestres medievais**: de Hugo de São Vitor a João Duns Escoto. Trad. L'Osservatore Romano. Silvio Grimaldo de Camargo (org.). Campinas: CEDET, 2013. p. 96.

⁶⁵ BENTO XVI, 2013, p. 96.

⁶⁶ Praticada sobretudo nas *scholae* (donde o nome “escolástica”), as *quaestiones disputatae* eram argumentos teológicos expostos e contrapostos, donde nascia uma síntese da questão abordada. Tais sínteses depois eram compiladas em *sumas*, que concentravam os embasamentos teológicos da fé cristã. [nota do pesquisador].

⁶⁷ BENTO XVI, 2013, p. 96.

acadêmica, interessada no aprofundamento do sentido das afirmações de fé. Paralelamente a esse interesse acadêmico pelas expressões de fé, observa-se outro movimento de reflexão, com interesse menos formal, não tão voltado para questões teológicas em si, mas sempre determinado por um interesse expresso em procurar saber como é possível o encontro do ser humano com Deus.⁶⁸

Dentro do panorama da escolástica, o Doutor Seráfico⁶⁹ situa-se numa posição difícil, uma vez que escolástica e pensamento cristão tornaram-se praticamente sinônimos de Tomás de Aquino, contemporâneo seu, tido como o mais importante pensador deste período. Há uma vertente que busca medir o pensamento de Boaventura com o de Tomás de Aquino, ignorando a possibilidade de lê-lo à luz da ortodoxia tomista, ou até mesmo imaginando Boaventura como um pensador antitomista. Essa vertente não considera Boaventura como um pensador, portanto, mas apenas um místico, um dos grandes nomes do Concílio de Lião e o segundo fundador da Ordem Franciscana.⁷⁰

É importante ressaltar que Boaventura não é um autor independente, *dono* de seu próprio pensamento, mas um teólogo com ideias ponderadas por outros, resultado de uma determinada época histórica, com todas as circunstâncias que a abrangiam, e para a qual ele deu, assim como Tomás de Aquino, sua contribuição pessoal na imensa obra que legou.⁷¹

Na terça-feira de carnaval de 1229, ocorreu um confronto entre a polícia de Paris e os estudantes da universidade, que foi o estopim de uma longa greve universitária, que durou até 1231. Nesse contexto, e para garantir um número mínimo de docentes – já que a maioria dos mestres e alunos abandonaram a capital do Sena -, Guilherme de Auvergne, bispo de Paris, ordenou que Felipe, chanceler da

⁶⁸ MERINO; FRESNEDA, 2006, p. 97.

⁶⁹ Boaventura contribui em suas obras para fundamentar a corrente mística de acesso a Deus. Inspirado na visão que Francisco de Assis teve de Jesus crucificado com as seis asas de um serafim, na ocasião em que recebeu os estigmas de Cristo, Boaventura relaciona cada asa do serafim como um degrau para a ascensão a Deus, para progredir no conhecimento de Deus. FRANCISCANOS. **São Boaventura**: o teólogo de Cristo. Disponível em: <<http://franciscanos.org.br/?p=4342>>. Acesso em: 25 set. 2018.

⁷⁰ MERINO; FRESNEDA, 2006, p. 98.

⁷¹ MERINO; FRESNEDA, 20016, p. 99.

universidade, designasse uma cátedra para os dominicanos. E essa foi ocupada por Rolando de Cremona e depois por Hugo de São Caro.⁷²

Essa seria a cátedra dominicana. Enquanto isso, João de Santo Egídio, professor secular que tinha sua cátedra em Paris desde 1227 como *magister regens*, entrou para a Ordem dominicana em 1230, de modo que duas cátedras foram dispostas aos dominicanos até o estouro das famosas controvérsias entre mendicantes e seculares, ocorridas entre 1254 e 1256.⁷³

Entre os mestres dominicanos parisienses mais famosos do século XIII, sucessores de João de Santo Egídio, destacam-se Alberto e Tomás de Aquino. Os dominicanos também se estabeleceram em Oxford a partir de 1225.⁷⁴

2.2 O MOVIMENTO FRANCISCANO E O PENSAMENTO ESCOLÁSTICO

Os franciscanos também obtiveram uma cátedra na Universidade de Paris alguns anos mais tarde, quando Alexandre de Hales ingressou na Ordem dos Frades Menores. Por volta de 1238, obteve um adjunto para sua cátedra, o franciscano Jean de la Rochelle ou de Rupella, que o sucedeu quando se retirou da docência. Ambos morreram em 1245, mas essa cátedra continuou em mãos franciscanas e para ela foi nomeado Boaventura de Bagnoregio em 1257. Ele, contudo, nunca a assumiu.

Alexandre de Hales foi um dos grandes compiladores e sistematizadores na forma de trabalhar as questões filosóficas e teológicas. Suas obras destacavam-se por sua exposição sistemática e unitária do pensamento filosófico e teológico. Apesar de preferir posições agostinianas, quis dialogar também com teses aristotélicas. Foi no seio dessas grandes questões que nasceu o pensamento franciscano, do qual surgiram Duns Scotto, Guilherme de Ockham e Boaventura de Bagnoregio.⁷⁵

⁷² GILSON, Etienne. **A filosofia na Idade Média**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 271.

⁷³ GILSON, 2001, p. 272.

⁷⁴ GILSON, 2001, p. 272.

⁷⁵ GILSON, 2001, p. 273.

Depois de apresentado brevemente o pensamento escolástico, agora se trará um pouco da vida, obra e teologia do autor estudado.

3.3 VIDA DE BOAVENTURA DE BAGNOREGIO

Boaventura nasceu em Bagnoregio, na Itália, em 1217. Foi batizado com o nome João de Fidanza, que herdou do pai. Este era médico e, durante a infância de seu filho, quando este contraiu uma grave doença, nada pôde fazer para salvá-lo. Sua mãe, porém, fez uma promessa a Francisco de Assis, que há pouco havia sido canonizado, e por meio da intercessão deste, obteve a cura para seu filho.⁷⁶ Já iniciara aí uma profunda relação entre Boaventura e Francisco de Assis.

Estudou as séries iniciais na sua terra natal, num convento de franciscanos. Posteriormente, de 1235 a 1242, foi aluno da Faculdade de Artes, em Paris, onde, dedicando-se aos estudos das artes liberais, o *Trivium* e o *Quadrivium*, teve contato com a filosofia greco-árabe que aos poucos adentrava no Ocidente. Estudou teologia entre 1243 e 1248, tendo por mestre Alexandre de Hales que há pouco ingressara na ordem franciscana. Impelido pela convivência com os frades franciscanos desde a mais tenra infância, pelo milagre de sua recuperação de saúde atribuído a Francisco de Assis e por admirar seu professor, Boaventura ingressou para a ordem franciscana. Ainda em 1248 tornou-se bacharel em estudos bíblicos e em 1254 atingiu o auge da carreira universitária, obtendo o título de *magister*, isto é, mestre, o equivalente a professor titular. Nesta condição dirigiu algumas das *quaestiones disputatae*.⁷⁷ Recebeu a licença para lecionar como bacharel bíblico em 1248, mas só obteve o título de mestre em 1253 ou 1254. Devido a conflitos entre mestres seculares e regulares somente pôde, de fato, tomar posse na cátedra em 15 de agosto de 1257. Essa posse, contudo, jamais aconteceu, pois em 2 de fevereiro desse mesmo ano assumiu como Superior Geral da Ordem Franciscana, encerrando assim sua produção científica. A partir de então, suas obras assumiram um caráter mais ascético.⁷⁸

Boaventura foi nomeado cardeal de York, na Inglaterra, mas pediu anulação de sua nomeação. Sua reputação era tamanha que, em 1271, foi consultado pelos cardeais que há mais de dois anos estavam reunidos num conclave e não conseguiam eleger um novo papa. Sua

⁷⁶ BENTO XVI, 2013, p. 89.

⁷⁷ MERINO; FRESNEDA, 2006, p. 101.

⁷⁸ GILSON, 2001, p. 274.

sugestão foi o cardeal Teobaldo Visconti, que tornou-se o papa Gregório X. Este, em 1273, nomeou Boaventura cardeal de Albano. Também foi o responsável pela organização do Concílio de Lião, durante o qual faleceu, no dia 15 de julho de 1274, devido ao excesso de trabalho e no qual havia desempenhado um importante papel em favor da causa unionista. Alguns meses antes, a caminho do mesmo concílio, falecia seu colega Tomás de Aquino.⁷⁹

3.3.1 A Obra de Boaventura

O contexto filosófico e teológico apresentado até aqui e a vida mística de Boaventura resultaram numa combinação donde nasceram vários escritos. Dentre suas obras, as de mais relevância são o *Comentário às sentenças de Pedro Lombardo* (1250-1253); uma série de *Quaestiones disputatae* (entre elas a *De Mystério Trinitatis*), redigida entre 1253 e 1257; bem como o *Breviloquium* e o *Itinerarium Mentis in Deum*. Como intelectual e membro da Ordem dos Frades Menores, foi sempre e antes de tudo um pacífico continuador da tradição filosófico-teológica de caráter agostiniano e da tradição franciscana. É considerado, em muitos aspectos, o segundo fundador da Ordem e foi com ele que as iniciativas doutrinárias franciscanas adquiriram a sua fórmula definitiva.⁸⁰

De fato, sua obra não se limita cronologicamente ao seu tempo mas, como afirma Bento XVI, permanece sempre atual.

O ensinamento oferecido por Boaventura na sua vida permanece sempre atual: a Igreja tornou-se mais luminosa e bonita pela fidelidade à vocação da parte daqueles seus filhos e filhas que não só põem em prática os preceitos evangélicos mas, pela graça de Deus, são chamados a observar os seus conselhos e assim, através do seu estilo de vida pobre, casto e obediente, são testemunho de que o Evangelho é nascente de alegria e de perfeição.⁸¹

⁷⁹ MERINO; FRESNEDA, 2006, p. 102.

⁸⁰ GILSON, 2001, p. 274.

⁸¹ BENTO XVI. **Audiência geral**. 3 de março de 2010. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-vi/pt/audiences/2010/documents/hf_ben-xvi_aud_20100303.html>. Acesso em: 20 jun. 2018.

Assim, entende-se que sua obra permanece hoje um sinal de referência para os cristãos.

3.2.2 Espiritualidade de Boaventura: um olhar de Bento XVI

O fato de os textos boaventurianos estarem presentes na Liturgia das Horas evidenciam a espiritualidade do Doutor Seráfico e também a sua loquacidade. Imbuído do verdadeiro carisma franciscano, soube traduzir esse dom de forma muito completa nas suas obras. Ele busca aproximar o ser humano para junto de Deus. Sua vida e obra são permeadas pela pergunta crucial:

O que devo fazer da minha vida? Fascinado pelo testemunho de fervor e de radicalidade evangélica dos Frades Menores, que tinham chegado a Paris em 1219, João bateu à porta do Convento franciscano daquela cidade, e pediu para ser acolhido na grande família dos discípulos de São Francisco. Muitos anos depois, ele explicou as razões da sua escolha: em São Francisco e no movimento por ele iniciado, entrevia a ação de Cristo.⁸²

Desta maneira sua vida se torna um aproximar-se cada vez mais de Cristo, principalmente por meio da inteligência e da contemplação.

Sabe-se que a oração é o meio de entrar em comunhão com Deus. Isso é consequência da comunhão de Cristo com o Pai e o Espírito Santo. Boaventura sempre entendeu e compreendeu a vida espiritual como um entrar em Deus; um caminho do ser humano, por meio do seu intelecto, para a comunhão com Deus.⁸³ Essa vida espiritual é entendida sob o aspecto da interioridade.

Para Boaventura, o meio de se atingir a comunhão com Deus é a teologia. Entende-se, pois, a teologia não somente como uma matéria acadêmica, mas como a capacidade da inteligência de alcançar a Deus por meio da sua Revelação nas Sagradas Escrituras e na Igreja. Desta forma, pode-se afirmar:

⁸² BENTO XVI, 2010. Não paginado.

⁸³ BELLEI, Ricardo J. A **questão da interioridade no *itinerarium mentis in Deum* de São Boaventura**. p. 19. Disponível em: <<http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/3430/1/000385153-Texto%20Completo-0.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

Boaventura faz uma distinção tríplice – portanto, amplia a alternativa entre teórico (primado do conhecimento) e prático (primado da prática), acrescentando uma terceira atitude, que chama *sapiencial* e afirmando que a sabedoria abrange ambos os aspectos.⁸⁴

O papa emérito procede sua exposição sobre Boaventura afirmando o aspecto de sua sabedoria:

[...] a sabedoria procura a contemplação (como a mais elevada forma do conhecimento) e tem como intenção *ut boni fiamus* – que nos tornemos bons, sobretudo isto: tornar-nos bons (*Breviloquium, Prologus, 5*). Depois, acrescenta: "A fé está no intelecto, de tal modo que provoca o afeto. Por exemplo: saber que Cristo morreu "por nós" não permanece conhecimento, mas torna-se necessariamente afeto, amor" (*Proemium I.*)⁸⁵

A sua defesa da teologia, ou seja, da reflexão racional e metódica da fé, move-se na mesma linha. Boaventura enumera alguns argumentos contra a prática da teologia, talvez difundidos também entre alguns dos frades franciscanos e presentes inclusive nos dias de hoje. A esses argumentos contra a teologia, que demonstram os perigos existentes na própria teologia, o teólogo responde:

[...] é verdade que existe um modo arrogante de fazer teologia, uma soberba da razão, que se põe acima da Palavra de Deus. Mas a verdadeira teologia, o trabalho racional da teologia verdadeira e boa tem outra origem, não a soberba da razão. Quem ama quer conhecer cada vez melhor e sempre mais o amado; a verdadeira teologia não empenha a razão e sua busca não é motivada pela soberba, "*sed propter amorem eius cui assentit* – motivada pelo amor daquele, a quem deu o seu consentimento" (*Proemium in I*

⁸⁴ BENTO XVI. **Audiência geral**. 17 de março de 2010. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedictxvi/pt/audiences/2010/documents/hf_ben-xvi_aud_20100317.html>. Acesso em: 20 jun. 2018.

⁸⁵ BENTO XVI, 2010. Não paginado.

Sent., q. 2), e que conhecer melhor o amado: esta é a intenção fundamental da teologia.⁸⁶

É determinante, portanto, para Boaventura, o primado do amor. A teologia leva ao amor, mas não a um amor qualquer e sim a um perfeito, próprio da natureza de Deus: a caridade. Esse modo de fazer teologia, Boaventura traduz como um itinerário do homem até Deus.⁸⁷

3.2.3 Itinerário do Homem para Deus

O principal objetivo da reforma litúrgica da Liturgia das Horas foi justamente fazer o homem alcançar a Deus, na intimidade da Palavra de Deus por meio da Igreja de Cristo. Este aspecto já estava presente na vida do Doutor Seráfico, como é possível observar:

Jesus Cristo é a última palavra de Deus – nele Deus disse tudo, doando-se e proclamando-se a si mesmo. Mais do que Ele mesmo, Deus não pode dizer, nem doar. O Espírito Santo é Espírito do Pai e do Filho. O próprio Cristo diz do Espírito Santo: "...ensinar-vos-á tudo o que vos tenho dito" (Jo 14, 26), "receberá do que é meu para vo-lo anunciar" (Jo 16, 15). Portanto, não existe outro Evangelho mais excelso, não há outra Igreja a esperar.⁸⁸

Por consequência, os textos do Doutor Seráfico remetem para a prece comum da Igreja, hoje muito mais esclarecida pela reforma conciliar e de modo particular presente nos seus escritos que estão na própria liturgia da Igreja.

Destaca-se entre os textos de Boaventura o *Itinerarium Mentis in Deum*, onde o autor explana o modo do agir do ser humano, considerando os seus esforços e ações. Toda a sua capacidade cognitiva e intelectual se encaminham para a finalidade última do existir humano que é a comunhão com Deus. Assim, esta é a primeira finalidade da oração.

Tais textos do franciscano, selecionados para os Ofício das Leituras, como se verá adiante, têm o objetivo de, pela meditação e pelo

⁸⁶ BENTO XVI, 2010. Não paginado.

⁸⁷ BENTO XVI, 2010. Não paginado.

⁸⁸ BENTO XVI, 2010. Não paginado.

testemunho dos santos, aproximar o ser humano de Cristo. Esse itinerário busca levar a razão e a fé numa unidade à contemplação das coisas divinas por meio da alegoria e da sabedoria.

3.2.4 Sapiência nos escritos de Boaventura

Sobressaem-se nos escritos de Boaventura a maneira mais perfeita da mente chegar ao conhecimento de Deus, de alcançar a intimidade com Ele, embora reconheça que o conhecimento sensível e intelectual são as portas de entrada para o saber humano. É pelo conhecimento sapiencial, baseado na teoria da iluminação divina de Agostinho de Hipona, que o autor afirma ser possível chegar às verdades de fé mais elevadas e à contemplação divina. De acordo com o Doutor Seráfico:

O incentivo da consciência era o primeiro que deveria ser suscitado, aguçado e retificado porque, ao suscitá-lo, o indivíduo estava recordando os pecados cometidos: ao aguçá-lo faria um exame da consciência sobre os pecados e, ao retificá-lo, levaria a considerar somente o bem.⁸⁹

A iluminação da inteligência, para Boaventura, vinha depois da purificação, pois “depois do exercício da purificação, seguem-se os de iluminação da alma, para que é mister recorrer à luz da inteligência” (BOAVENTURA, Os três caminhos..., cap. 1 §2, p.238).⁹⁰ Essa luz recorreria aos pecados já perdoados e a luz da inteligência cairia sobre os pecados que Deus havia perdoado, porque, se o Criador não interviesse sobre as ações humanas, os pecados seriam bem maiores.⁹¹

Esse é o modo como, para o Doutor Seráfico, o ser humano chega até Deus por meio do conhecimento da sabedoria divina infusa pela graça na mente humana e no seu coração. Para alcançar tal conhecimento, o ser humano deve buscar sempre mais o caminho de

⁸⁹ PERIN, Conceição S. Em tela um estudo do mestre franciscano São Boaventura de Bagnoregio: os três caminhos da vida espiritual, ou incêndio do amor. In: **XXV Simpósio Nacional de História**, Fortaleza, 2009. Disponível em:

<<http://anais.anpuh.org/wpcontent/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.0666.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

⁹⁰ PERIN, 2009, p. 4.

⁹¹ PERIN, 2009, p. 4.

intimidade com Deus e, por meio da inteligência chega ao conhecimento de Deus. Essa é a porta que leva para se chegar à meditação das coisas divinas e, por fim, à contemplação das verdades eternas. O ser humano, ao se colocar numa atitude de contrição e implorando a misericórdia divina sobre seus pecados, abre-se para a via unitiva com Deus.⁹²

O ser humano, por meio da meditação, chega também à contemplação, que é o estado mais elevado da união com Deus.

A iluminação da alma era o resultado da meditação, seguida da oração e que resultava na contemplação, ou seja, após o agradecimento por meio da oração, com a alma pronta para receber os ensinamentos de Deus e se aproximar da sapiência, era possível contemplar e entender que isso só era permitido pelo Criador.⁹³

Para se chegar à contemplação, segundo o franciscano, ainda era necessário adquirir a tranquilidade, conhecer a verdade e a caridade. Esses eram bens inigualáveis para a bem-aventurança, porém, para se chegar a esses três bens era preciso subir os degraus da vida espiritual que pregavam a expulsão dos pecados da alma, a imitação de Cristo e a união com Deus.⁹⁴

A sabedoria divina se torna assim um íntimo ato de comunhão com Deus que se define na certeza da alma que alcançou a contemplação do amor para com Deus, por meio do exemplo de Cristo.

Boaventura exemplifica a importância da sapiência asseverando que Cristo, como filho de Deus, foi o mais sábio dos homens, porque soube demonstrar os seus sentimentos de amor, piedade e misericórdia a todos os homens. Sofreu por todos e voltou aos braços do Pai Criador. Desse modo, não existe nenhuma melhor referência do que a de Cristo na terra, pois Ele seguiu os ensinamentos do Pai, mostrou os caminhos que deveriam ser seguidos e conseguiu a vida eterna.⁹⁵

A unidade das Sagradas Escrituras como revelação divina que ilumina a mente tem seu grande centro na pessoa de Cristo. Essa é a novidade que a Igreja tem para todos os tempos: o anúncio de Cristo. Toda a reforma litúrgica foi para que Cristo seja anunciado ao mudo por

⁹² PERIN, 2009, p. 5.

⁹³ PERIN, 2009, P. 5.

⁹⁴ PERIN, 2009, p. 6.

⁹⁵ PERIN, 2009, p. 8.

meio do culto público da Igreja. Assim, o testemunho de Boaventura é sinal para as pessoas que hoje buscam a Deus.

Conforme afirma Rodrigues,

Sabedoria no entendimento boaventuriano é justamente o deleite, a contemplação dessa dimensão saborosa de acessar e sentir o amor divino. [...] Alguém que fez essa experiência e que não é apenas cognitiva intelectual (lógos), mas é, principalmente, sentir (páthos). É justamente essa experiência que nos permite segundo São Boaventura, ver o universo criado tocados pela beleza e o encantamento da ciência, da poesia, enfim, do maravilhamento que é a descoberta do que somos de onde viemos e para onde vamos: o Amor.⁹⁶

Destaca-se que este é sempre atual. Pelos escritos de Boaventura, o seu teor e os textos selecionados para o Ofício das Leituras, compreende-se que são o auxílio para se alcançar essa maior intimidade com Deus, como se mostrará adiante.

Tal atualidade do pensamento de Boaventura torna patente também a sua presença, mesmo que em poucas linhas, na Liturgia das Horas. Não são as muitas palavras, mas a intensidade delas e a loquacidade com que bradam aos seus destinatários que faz a sua importância. Elas não vêm isoladas: quando se leem tais textos, o testemunho de fé de Boaventura e a sua comunhão com Deus se tornam presentes. O crente hodierno pode obter acesso a essa fonte de graças que é o próprio Deus por meio da Sua Palavra e da Sua Graça.

Portanto, toda a nossa vida é para São Boaventura um *itinerário*, uma peregrinação – uma escalada rumo a Deus. Mas só com as nossas forças, não podemos elevar-nos à altura de Deus. O próprio Deus deve ajudar-nos, deve *puxar-nos* para o alto. Por isso, é necessária a oração. A oração – como diz o Santo – é a mãe e a origem da elevação – *sursum actio*, ação que nos leva para o alto – diz

⁹⁶ RODRIGUES, Ricardo A. A **(im)possibilidade de conhecer Deus no “itinerarium mentis in Deum” de São Boaventura**. p. 11. Disponível em: <<https://www.periodicos.unifra.br/index.php/thaumazein/article/viewFile/173/pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

Boaventura. Por isso, concluo com a prece, com a qual ele começa o seu *Itinerário*: "Portanto, oremos e digamos ao nosso Senhor Deus: "Conduze-me, Senhor, pela tua via, e eu caminharei na tua verdade. Alegre-se o meu coração no temor do teu nome".⁹⁷

Abre-se ao cristão a possibilidade de louvar a Deus, de meditar nas suas palavras e contemplá-lo por meio do amor que se inflama no seu íntimo e que se consumará na união eterna da alma para com Deus.

Toda a teologia se dá dentro dum contexto específico, que dita as suas inspirações. O tempo passa mas permanece aquilo que é próprio do estudo teológico, uma vez que a Palavra de Deus e, por conseguinte, aquilo que diz respeito a ela, permanece. Por essa razão, os escritos de Boaventura também tiveram antecedentes, tanto no contexto acadêmico, como no religioso, somados à sua vida espiritual. De modo sucinto, esses elementos foram aqui citados para a compreensão do seio onde nasceram as leituras que serão descritas no próximo capítulo dessa pesquisa.

⁹⁷ BENTO XVI, 2010. Não paginado.

4 BOAVENTURA NO OFÍCIO DIVINO

A presente pesquisa apresentou, até aqui, uma exposição sobre a Liturgia das Horas e sobre Boaventura de Bagnoregio, considerando a espiritualidade do autor. Agora, esses dois pontos se fundem na apresentação dos textos do autor que estão contidos na Liturgia das Horas. Nesse capítulo serão apresentados como objeto da pesquisa os textos próprios da memória/festa⁹⁸ de Boaventura. Para isso será analisada a memória/festa litúrgica de Boaventura com os seguintes elementos: hino, salmodia, a leitura das Sagradas Escrituras e a leitura própria de Boaventura, com seu texto hagiográfico retirado da obra *Itinerarium Mentis in Deum*. Além desse, figuram na Liturgia das Horas outros dois textos próprios de Boaventura, ambos no Ofício das Leituras, próprio da liturgia dos respectivos dias em que seus textos aparecem. Junto dessa explanação, esse capítulo também evoca o sentido de Boaventura na Liturgia das Horas, mesclando os elementos próprios da liturgia com os próprios do santo e, na segunda parte do capítulo, analisando as perícopes retiradas das obras de Boaventura.

4.1 OS TEXTOS DE BOAVENTURA NA LITURGIA DAS HORAS

Nesta seção serão apresentados os três textos do Doutor Seráfico que foram incluídos no Ofício das Leituras da Liturgia das Horas, no que tange à *Lectio Patrum*. Essas leituras se encontram na Segunda-feira da quinta semana do Tempo Comum, na Solenidade do Sagrado Coração de Jesus e na Memória Litúrgica de São Boaventura que, no calendário franciscano é celebrada em grau de festa. Essa pesquisa

⁹⁸ No calendário romano geral, Boaventura é celebrado liturgicamente com grau de memória. Para a Ordem Franciscana, entretanto, é celebrado no grau de festa litúrgica, por ser um santo membro da congregação. Os temos utilizados nessa pesquisa são equivalentes, considerando que, dentro do calendário universal, sua celebração é uma memória litúrgica, ao passo que na ordem franciscana é uma festa litúrgica. Nessa pesquisa, para o Ofício das Leituras de Boaventura, todos os elementos foram extraídos do suplemento para a Liturgia das Horas próprio da Ordem Franciscana. Assim, o hino, a salmodia e a leitura bíblica não coincidem com os mesmos elementos presentes no volume III da Liturgia das Horas, onde consta sua memória. Nas Igrejas onde Boaventura é titular, os textos próprios da Ordem Franciscana podem ser utilizados. [nota do pesquisador]

utilizará, para esse dia, o rito segundo o calendário litúrgico franciscano, para melhor elencar seus elementos.

Cada Hora do Ofício Divino é composta de elementos diversos. O conjunto dos elementos forma, de modo harmônico, um ritual de caráter celebrativo no qual os fiéis são nutridos com os tesouros da Igreja, de modo a vivenciar a comunhão com Deus.

Aqui serão descritos os elementos que compõem a Liturgia do Ofício das Leituras no dia da festa de São Boaventura segundo o calendário franciscano, situada no dia 15 de julho, uma vez que essa Hora Canônica e esse autor são elementos principais dessa pesquisa.

4.1.1 Hino

Os hinos, seguindo uma antiga tradição, ainda encontram lugar nos dias atuais. São destinados ao louvor divino constituindo um elemento particular que marca a entrada de cada hora canônica, movendo as almas a uma piedosa celebração. A beleza literária acrescenta a eficácia desse elemento, que tradicionalmente é encerrado com uma doxologia.⁹⁹

Assim se inicia o hino:¹⁰⁰

Que os filhos de São Francisco, dos quais foi guia e pastor, celebrem Boaventura, da Igreja bispo e doutor. De Santo Tomás de Aquino colega, amigo e rival, seráfico foi chamado, por sua luz sem igual.¹⁰¹

O Hino do Ofício das Leituras da festa de Boaventura apresenta os aspectos supracitados ao relacionar o religioso ao fundador de sua Ordem, Francisco de Assis e seu ministério: “da Igreja bispo e

⁹⁹ INSTRUÇÃO Geral da Liturgia das Horas, 1999. p. 64

¹⁰⁰ O hino que segue, juntamente com os outros elementos da festa de Boaventura apresentados nessa pesquisa são extraídos da tradução oficial em língua portuguesa da edição típica com texto latino.

¹⁰¹ **Suplemento Franciscano à Liturgia das Horas**: para os membros de toda a Família Franciscana da Primeira Ordem, da Segunda Ordem e das Concepcionistas, da Terceira Ordem Regular e da Ordem Franciscana Secular do Brasil segundo os Decretos do Concílio Vaticano II e aprovado pela Santa Sé. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 169.

doutor”. Da mesma forma, Tomás de Aquino¹⁰² aparece no hino como aquele que lhe outorgou o título de “Doutor seráfico”.

Querendo servir à Igreja em âmbito universal, aceita sobre seu hábito o manto de cardeal. Defende os irmãos menores dos ataques e acusações e dá-lhes, para guiá-los, as santas constituições. Louvemos ao Pai e ao Filho, ao Espírito também; às três pessoas divinas, o mesmo louvor convém.¹⁰³

O hino prossegue expondo alguns aspectos da vida de Boaventura, como o fato de ter sido criado cardeal e auxiliando a Ordem Franciscana com as constituições – o que lhe deu a título simbólico de *segundo fundador da Ordem*. Como ocorre tradicionalmente, o hino termina com uma doxologia dirigida à Santíssima Trindade.

4.1.2 Salmodia

A salmodia é composta de salmos e cânticos, recitados entre antífonas. Aqui se apresentarão os salmos presentes no Ofício das Leituras da festa de Boaventura, uma vez que nesta hora canônica não há cânticos.

4.1.2.1 Salmos

¹⁰² Tomás de Aquino nasceu por volta do ano 1225, na família dos condes de Aquino. Estudou primeiramente no mosteiro de Montecassino e depois em Nápoles. Ingressou na Ordem dos Frades Pregadores e completou os estudos em Paris e em Colônia, tendo tido como professor Alberto Magno. Escreveu muitas obras de grande erudição, e, como professor, lecionou disciplinas filosóficas e teológicas, o que lhe valeu grande reputação. Morreu nas proximidades de Terracina, a 7 de março de 1274. Seu corpo foi trasladado para Toulouse, na França, em 28 de janeiro de 1369. Tomás de Aquino, junto com Boaventura, figura como grande nome da escolástica sendo, ao mesmo tempo, rivais e amigos, como especifica o hino. Comparando Tomás de Aquino com Boaventura nos quatro volumes da Liturgia das Horas, percebe-se que há três textos de Boaventura e cinco textos de Tomás de Aquino. Três deles no III volume e dois no volume IV [nota do pesquisador].

¹⁰³ Suplemento Franciscano à Liturgia das Horas, 1999. p. 170.

Segundo a Instrução Geral sobre a Liturgia das Horas, a Igreja se serve em grande parte dos poemas que os autores sagrados do Antigo Testamento compuseram sob a inspiração do Espírito Santo, chamados *salmos*. Esses têm a virtude de elevar até Deus a mente das pessoas, despertar nelas piedosos e santos afetos, bem como ajudá-las a agradecer na prosperidade e lhes dar, na adversidade, consolo e fortaleza de ânimo. A salmodia abre o coração do orante aos sentimentos que brotam dos salmos, de acordo com o gênero literário de cada um, seja ele de lamentação, confiança ou ação de graças.¹⁰⁴

[...] nas solenidades e festas, são indicados salmos próprios para o Ofício das Leituras; são escolhidos entre aqueles que a tradição destaca, e cuja propriedade é geralmente realçada pela antífona.¹⁰⁵

4.1.2.2 O sentido cristão dos salmos¹⁰⁶

Os santos Padres entenderam e comentaram todo o saltério como profecia a respeito de Cristo e da Igreja e foi esse mesmo critério com o qual se escolheram os salmos da Sagrada Liturgia. Assim, embora sejam escritos veterotestamentários, são todos eles celebrados de modo cristológico.¹⁰⁷

A igreja reza com os salmos, a oração do povo judeu, a oração de Jesus. É o próprio Deus quem inspira a fé no seu povo. Assim o convite diário à oração é um convite a viver na comunhão com Deus. Com a revelação da nova aliança os salmos também ganham um novo sentido no mistério de Cristo na Liturgia das Horas. Isso é denominado *o sentido cristão dos salmos*.¹⁰⁸

¹⁰⁴ INSTRUÇÃO Geral da Liturgia das Horas, 1999. p. 49-50.

¹⁰⁵ INSTRUÇÃO Geral da Liturgia das Horas, 1999. p. 57.

¹⁰⁶ Esse subtítulo aqui apresentado diz respeito à reflexão teológica do sentido dos salmos na Liturgia das Horas. Optou-se por colocar esse tema junto dos salmos pois ele evidencia a reflexão que pretende essa pesquisa sobre a unidade tanto dos elementos da Liturgia das Horas quanto da vida do Doutor Seráfico, no qual se tem como objeto a memória/festa própria de Boaventura [nota do pesquisador].

¹⁰⁷ INSTRUÇÃO Geral da Liturgia das Horas, 1999. p. 52-53.

¹⁰⁸ BECKHÄUSER, Albert. **A celebração do mistério de Cristo nas horas do dia**. A liturgia das Horas. in.: CELAM Manual de Liturgia IV, p. 129.

Para uma verdadeira compreensão e vivência dos salmos, a oração tem de estar aberta para o seu sentido cristão. Assim, para que os cristãos usufruam desse tesouro é necessária uma boa formação bíblica e teológica, principalmente de sua função cristã como pede o Concílio Vaticano II no número 90 da *Sacrosanctum Concilium*:

Para este fim, adquiram conhecimento litúrgico e bíblico mais amplo, principalmente dos salmos. Ao fazer a reforma desse tesouro venerável e secular que é o ofício romano, seja adaptado de tal forma que mais larga e facilmente possam usufruir dele todos a quem é confiado.¹⁰⁹

A oração dos salmos no Ofício Divino deve possibilitar que por meio deles se celebre e se viva o mistério de Deus, por Cristo e em Cristo, pela ação do Espírito Santo.¹¹⁰ Afirma Beckhäuser:

À luz de Cristo, os salmos adquirem um significado mais profundo e pleno. Jesus Cristo e toda a mensagem do Novo Testamento reinterpretam os salmos, fazem uma nova leitura dos salmos, lançando sobre eles uma nova luz: na Liturgia das Horas, quem salmodia não o faz em nome próprio, mas em nome de todo o Corpo de Cristo, e também na própria pessoa de Cristo.¹¹¹

Juntamente com essa compreensão cristã, entende-se que ela não se faz abstrata e isoladamente, mas junto do Corpo de Cristo, isto é, da Igreja. Abre-se nesse sentido, para a compreensão eclesial, onde a oração dos salmos é a oração da Igreja. As revelações teológicas e a ação do Espírito Santo ao longo da história da Igreja são colocadas nas antífonas dos salmos. As antífonas evidenciam o *tom* do salmo; o seu gênero literário e auxiliam na oração e meditação pessoal ressaltando algum pensamento que seja digno de atenção e que possa passar despercebido.¹¹²

¹⁰⁹ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium*. In: VIER, Frederico (Coord.). **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. 23. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994. p. 185.

¹¹⁰ BECKHÄUSER. p. 219.

¹¹¹ BECKHÄUSER. p. 219.

¹¹² BECKHÄUSER. p. 132.

Outro aspecto importante é que a compreensão dos salmos tanto na realidade cristã como eclesial, visam auxiliar na vida de santidade dos que rezam. Os salmos possuem uma linguagem forte e profunda do ser humano, principalmente por traduzirem uma vida que está profundamente imergida em Deus. Essa sintonia com Deus traduzida pelos salmos se torna o eixo pelo qual a pessoa, na sua oração pessoal, une-se a Cristo e a Igreja.¹¹³

Na vida de fé, segue Beckhäuser:

[...] os salmos traduzem a santidade, isto é, um modo de ser e de fazer semelhante ao modo de ser e de fazer de Deus e das coisas divinas. Os salmos falam sempre de Deus e das coisas divinas. Falam a Deus acerca das realidades criadas. Fazem falar a Deus com a realidade. Por meio disso o santo vibra diante de Deus e das coisas divinas. Neles, todas as coisas de alguma forma estão relacionadas a Deus. Nessa sua relação, o salmista reza envolvendo toda a realidade.¹¹⁴

Essa santidade de vida é o fruto mais eficaz que os salmos produzem na vida do cristão. Por isso a Liturgia das Horas gera a santidade nos batizados, membros da Igreja e templos do Espírito Santo. Os mesmos salmos que rezaram os apóstolos, tantas pessoas ao longo destes séculos em tantos povos, culturas e lugares diversos, mostram a universalidade da ação da Palavra de Deus no mundo.

4.1.2.3 Antífonas

Na Liturgia das Horas, cada salmo tem sua antífona, que ajudam a ilustrar o gênero literário do salmo; fazem dele uma oração pessoal; acentuam algum pensamento digno de atenção e que poderia acabar despercebido; bem como conferem matiz particular a determinado salmo e em certas circunstâncias; e ainda auxiliam na interpretação tipológica ou festiva.¹¹⁵

¹¹³ BECKHÄUSER. p. 134.

¹¹⁴ BECKHÄUSER. p. 134.

¹¹⁵ INSTRUÇÃO Geral da Liturgia das Horas, 1999, p. 53.

4.1.2.4 Salmódia da festa de Boaventura

O primeiro salmo que compõe a salmódia da festa de Boaventura é o salmo 20 [21], que é uma oração pela vitória do rei. A certeza da vitória expressa pelo salmista se dá pela confiança que rei tem em Deus. “Ó Senhor, em vossa força o rei se alegra; quanto exulta de alegria em vosso auxílio! O que sonhou seu coração lhe concedestes; não recusastes os pedidos de seus lábios” (Salmo 20 [21], 2-3).¹¹⁶ Da mesma forma, a Igreja canta em louvor a Deus pela certeza do auxílio que Ele concede aos seus santos na missão, com a certeza da vitória final. A antífona para este salmo é a seguinte: “Seus pés se firmaram na sabedoria; penetrou seus caminhos e, com perseverança, seguiu os seus passos”¹¹⁷, que evidencia que a virtude da perseverança daquele que segue os passos de Jesus e encontra a sabedoria.

Em seguida há o salmo 91 [92] dividido em duas partes. Esse salmo é um elogio ao reto procedimento da pessoa que teme a Deus e se mostra agradecida a Ele por todos os dons recebidos, bem como, outra vez, a certeza do triunfo daquele que apoia sua confiança em Deus e se sabe seguro junto dele. “O justo crescerá como a palmeira, florirá igual ao cedro que há no Líbano; na casa do Senhor estão plantados, nos átrios de meu Deus florescerão” (Salmo 91 [92], 13).¹¹⁸ A certeza do auxílio divino ao seu povo parece ser afirmada com insistência pela Igreja, de modo a suscitar nos fiéis o desejo da retidão e disponibilidade para ação de Deus, de modo que Ele opere suas graças neles e lhe infunda seu temor. As antífonas para esse salmo são: “Derramou a doutrina como um rio transbordante e a deixou aos que buscam sabedoria”¹¹⁹, e a outra antífona diz: “considerai que não vivi só para mim, mas para todos os que buscam a verdade.”¹²⁰ Assim, juntamente com a retidão do justo que a Igreja acentua, coloca tal virtude aplicada ao caráter da sabedoria, uma vez que Boaventura é doutor da Igreja e sua busca pela sabedoria foi, durante toda sua vida, uma busca pela verdade e, conseqüentemente, pelo próprio Deus.

¹¹⁶ Liturgia das Horas, vol. 1, p. 1241.

¹¹⁷ Suplemento Franciscano à Liturgia das Horas, 1999, p. 170.

¹¹⁸ Liturgia das Horas, vol 1, p. 1243.

¹¹⁹ Suplemento Franciscano à Liturgia das Horas, 1999, p. 170.

¹²⁰ Suplemento Franciscano à Liturgia das Horas, 1999, p. 170.

4.1.3 Leitura da Sagrada Escritura

Após a oração da salmodia e um versículo de ligação, o Ofício das Leituras apresenta primeiro uma leitura da Sagrada Escritura, que segundo antiga tradição, assim como na celebração eucarística, é feita de modo público no Ofício Divino. A oração litúrgica sempre é acompanhada da leitura da Sagrada Escritura.¹²¹

Na festa de Boaventura, a leitura bíblica é retirada do livro da Sabedoria e, como já se evidenciou ao longo dos outros elementos contidos no ofício, também esse demonstra a grande sede do ser humano por Deus, expresso na sua busca por sabedoria.

Eu amei a Sabedoria e a desejei desde a juventude e pretendi tomá-la por esposa, apaixonado pela sua beleza [...] por causa dela serei louvado pelas multidões; mesmo sendo jovem, serei honrado pelos anciãos; nos julgamentos reconhecerão minha perspicácia e provocarei a admiração dos poderosos. (Sabedoria 8,2.12)¹²²

O autor sagrado, antes da encarnação de Cristo, evidencia a feliz bem-aventurança daquele que busca a sabedoria e a Igreja propõe tal busca, associando-a a Boaventura como um modelo, para todos os fiéis que compreendem ser Jesus a Sabedoria do Pai.

4.1.4 Leitura dos Padres e Escritores Eclesiásticos

Nessa leitura são apresentados textos de escritos dos Santos Padres, Doutores e outros Escritores Eclesiásticos, dentre os quais, Boaventura de Bagnoregio, que é o autor aqui estudado. A função dessas leituras é ser mediação da Palavra de Deus, tal como a tradição da Igreja a entende, uma vez que a Igreja julga ser necessário explicar autenticamente aos fiéis o sentido da Palavra de Deus para que a interpretação dos profetas e apóstolos continue de maneira correta, de acordo com a norma do sentido eclesial católico.

Na festa de Boaventura, a leitura é retirada do opúsculo *Itinerarium Mentis in Deum* e tem por título *A Sabedoria Mística revelada pelo Espírito Santo*.

¹²¹ INSTRUÇÃO Geral da Liturgia das Horas, 1999, p. 58.

¹²² Suplemento Franciscano à Liturgia das Horas, 1999, p. 170-171.

Cristo é o caminho e a porta. Cristo é a escada e o veículo, o propiciatório colocado sobre a arca de Deus (cf. Ex 26,34) e o mistério desde sempre escondido (Ef 3,9). Quem olha para este propiciatório, com o rosto totalmente voltado para ele, contemplando-o suspenso na cruz, com fé, esperança e caridade, com devoção, admiração e alegria, com veneração, louvor e júbilo, realiza com ele a páscoa, isto é, a passagem. E assim, por meio do lenho da cruz, atravessa o mar Vermelho, saindo do Egito e entrando no deserto, onde saboreia o maná escondido.¹²³

O Itinerarium Mentis in Deum é um tratado espiritual em que Boaventura aborda o caminho que o cristão deve percorrer para chegar à perfeição evangélica, ou seja, uma ascese que se enquadra no chamado *humanismo do século XII* e vai até o século XIV.¹²⁴

O texto acima citado foi escolhido dentre os demais textos para ser meditado no Ofício das Leituras da memória litúrgica do próprio autor. Este itinerário tem como base apresentar o caminho a ser seguido através de vários degraus de ascensão para Deus. Dessa forma, Boaventura percorreu seu caminho ascético para a santidade. O autor cita Cristo como caminho e porta, da mesma forma que no Evangelho Jesus chamou de *porta estreita* o caminho do seu seguimento (Mt 7,13)¹²⁵. Dentro da espiritualidade cristã, pode-se compreender a *porta estreita* como os graus de dificuldade enfrentados como consequência do seguimento de Jesus, que “não veio fazer a sua vontade, mas a daquele que o enviou” (Jo 4,34).¹²⁶

Boaventura, porém, não deixa de lembrar que a santidade é dom de Deus e que, portanto, ninguém pode alcançá-la somente com forças humanas. Ela é, sobretudo, fruto da comunhão com o amor divino, comunhão que se desenvolve na oração. O que se pode tirar da teologia de Boaventura é uma firme confiança no amor de Deus, no amor que se

¹²³ Suplemento Franciscano à Liturgia das Horas, 1999, p. 172.

¹²⁴ OLIVEIRA, Thiago M. **Hagiografia e literatura**: um estudo da legenda maior sancti francisci, de Boaventura de Bagnoregio. 179 p. Tese (mestrado) - programa de pós-graduação de estudos da linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013. p. 87.

¹²⁵ BÍBLIA de Jerusalém, 2008, p. 2165.

¹²⁶ BÍBLIA de Jerusalém, 2008, p. 2732.

manifesta precisamente naquela noite escura da razão, onde a razão já não vê, mas o amor.

Se, portanto, queres saber como isso acontece, interroga a graça, e não a ciência; o desejo, e não a inteligência; o gemido da oração, e não o estudo dos livros; o esposo, e não o professor; Deus, e não o homem; a escuridão, e não a claridade. Não interrogues a luz, mas o fogo que tudo inflama e transfere para Deus, com unções suavíssimas e afetos ardentíssimos. Esse fogo é Deus; a sua fornalha está em Jerusalém. Cristo acendeu-a no calor da sua ardentíssima paixão. Verdadeiramente, só pode suportá-la quem diz: Minha alma prefere ser sufocada, e os meus ossos a morte (cf. Jó 7,15). Quem ama esta morte pode ver a Deus porque, sem dúvida alguma, é verdade: O homem não pode ver-me e viver (Ex 33,20).¹²⁷

Como o convite do escritor: *realiza com ele a tua páscoa*, exorta aos leitores que, olhando para o Cristo traspassado na cruz, aprendam dele a renúncia a si mesmos, a entrega total e a morte para o pecado para viverem a vida nova em Jesus. Dele provém a santidade e é só nele, batizados no mistério da sua páscoa, que é possível retornar a Deus e viver de modo santo até a unidade perfeita com o Senhor, como aspirou Boaventura e como convida a Igreja ao celebrar sua memória pela leitura e contemplação desta períclope.

Três são os exercícios que facilitam a realização desta ascese: a meditação, a oração e a contemplação. A leitura é o princípio desta ascese que, junto da meditação, levará o homem ao próximo estágio que é a oração.¹²⁸ Considerando tais critérios, percebe-se que o texto selecionado para a Liturgia das Horas objetiva à aspiração da santidade, que provém de Deus e à qual Boaventura testemunhou. Por isto, este escrito é utilizado em sua memória litúrgica.

É importante ressaltar, como já foi citado anteriormente, que Boaventura é celebrado em graus distintos dentro da liturgia da Igreja. Em se tratando do calendário universal, é celebrado como memória obrigatória. Todavia, para a Ordem Franciscana, ele é celebrado em grau de festa, por ter sido franciscano e um ícone dentro da Ordem. Por

¹²⁷ Suplemento Franciscano à Liturgia das Horas, 1999, p. 173.

¹²⁸ OLIVEIRA, 2013, p. 97.

fim, onde é titular, sua celebração é elevada ao nível de solenidade, que é o maior grau de celebração dentro da liturgia.

Essa *lectio* se destaca pelo seu sentido mais espiritual: o texto dispõe que o leitor busque a Deus como sugere o título da obra completa: *Itinerário da mente para Deus*. A busca de Deus culmina na caridade.

4.1.5 Oração Conclusiva

Todo o Ofício se conclui com uma oração, que no caso da festa aqui apresentada, é a mesma da Coleta da Missa do dia. Assim, como que resumindo toda a oração na forma duma breve prece, o ministro encerra, em nome da comunidade, a oração litúrgica dirigida a Deus.

Concedei-nos, Pai todo-poderoso, que, celebrando a festa de São Boaventura, aproveitemos seus preclaros ensinamentos e imitemos sua ardente caridade. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.¹²⁹

Na oração conclusiva a Igreja implora a Deus para aproveitar os ensinamentos exímios do Doutor Seráfico, de modo que eles converjam para uma caridade ardente, a exemplo da sua própria. O cerne, pois, dessa oração, está na relação que existe entre ensinar e amar: o mestre ensina a caridade e a vive, transmitindo ao discípulo o ensinamento mais notável do seu próprio testemunho e caridade.

4.2 BOAVENTURA EM OUTROS DIAS DO OFÍCIO

Até aqui a pesquisa destrinchou os elementos da Liturgia das Horas, enfatizando a Leitura do próprio autor estudado presentes na sua festa. Agora se mostrarão as outras leituras de Boaventura presentes no Ofício Divino, prova da valorização de sua santidade e, sobretudo, seu pensamento. Além do dia próprio desse santo, a Igreja também o menciona numa solenidade, dentro do grande contexto da ressurreição, e durante o Tempo Comum, em paralelo com a leitura bíblica da carta aos Gálatas.

4.2.1 Solenidade do Sagrado Coração de Jesus

¹²⁹ Suplemento Franciscano à Liturgia das Horas, 1999, p. 173.

O próximo texto é extraído do Opúsculo *Lignum Vitae*. Intitulado *Em vós está a fonte da vida*, está presente na solenidade litúrgica do Sagrado Coração de Jesus. Essa solenidade se situa no calendário litúrgico no oitavo dia após a Solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo que, por sua vez, é celebrada sessenta dias após a Páscoa. É, portanto, uma solenidade móvel (sem data fixa) da liturgia e, por sua posição no calendário, localiza-se dentro do contexto da Páscoa – mistério da morte e ressurreição de Jesus; concluído liturgicamente com a solenidade de Pentecostes – o envio do Espírito Santo; o mistério da Santíssima Trindade – dogma fundamental da fé cristã e, por fim, a Solenidade de *Corpus Christi*, onde a Igreja manifesta sua fé pública na presença de Jesus Cristo no Santíssimo Sacramento. Essa solenidade, portanto, está dentro do grande ciclo da ressurreição de Cristo.

Aqui se travará um diálogo entre a reflexão de Boaventura e uma homilia do papa Bento XVI que estabelecem entre si uma estreita relação.

Considera, ó homem redimido, quem é aquele que por tua causa está pregado na cruz, qual a sua dignidade e grandeza. A sua morte dá a vida aos mortos; por sua morte choram o céu e a terra, e fendem-se até as pedras mais duras.¹³⁰

Assim como no texto anterior, Boaventura inicia sua meditação pelo convite à contemplação de Jesus crucificado: “considera, ó homem, aquele que por ti está pregado na cruz, qual sua dignidade e grandeza”.¹³¹ É no mistério do absurdo de um Deus crucificado pela sua criatura que reside o gênese da obra boaventuriana.

Para que, do lado de Cristo morto na cruz, se formasse a Igreja e se cumprisse a Escritura que diz: Olharão para aquele que transpassaram (Jo 19,37), a divina Providência permitiu que um dos soldados lhe abrisse com a lança o sagrado lado, de onde jorraram sangue e água. Este é o preço da nossa salvação. Saído daquela fonte divina, isto é, do íntimo do seu Coração, iria dar aos sacramentos da Igreja o poder de conferir a vida da graça, tornando-se para os que já vivem em

¹³⁰ LITURGIA das horas, 1978, p.815.

¹³¹ LITURGIA das horas, 1978, p.815.

Cristo bebida da fonte viva que jorra para a vida eterna (Jo 4,14).¹³²

Para que a Igreja fosse formada do lado de Cristo, morto na cruz, um soldado lhe abriu o coração com uma lança, donde jorraram sangue e água. O preço da redenção humana aí está. É do íntimo do coração de Jesus que brotam os sacramentos da Igreja e o poder de conferir a vida da graça, tornando-se uma bebida da fonte viva que jorra para a vida eterna.

Boaventura alude ao amor sponsal entre Cristo e a Igreja, onde há a mística da união nupcial. Tal mística presente nos Padres da Igreja é abraçada também pelo Doutor Seráfico e se aplica bem à Solenidade do Sagrado Coração de Jesus, sobretudo por brotar a Igreja do lado adormecido do Cristo na Cruz. Essa imagem é resgatada pelo Concílio Vaticano II, quando coloca dentre as imagens da Igreja a da Esposa de Cristo.

Levanta-te, pois, tu que amas a Cristo, sê como a pomba que faz o seu ninho na borda do rochedo (Jr 48,28), e aí, como o pássaro que encontrou sua morada (cf. Sl 83,4), não cesses de estar vigilante; aí esconde como a andorinha os filhos nascidos do casto amor; aí aproxima teus lábios para beber a água das fontes do Salvador (cf. Is 12,3). Pois esta é a fonte que brota no meio do paraíso e, dividida em quatro rios (cf. Gn 2,10), se derrama nos corações dos fiéis para irrigar e fecundar a terra inteira.

Acorre com vivo desejo a esta fonte de vida e de luz, quem quer que sejas, ó alma consagrada a Deus, e exclama com todas as forças do teu coração: “Ó inefável beleza do Deus altíssimo e puríssimo esplendor da luz eterna, vida que vivifica toda vida, luz que ilumina toda luz e conserva em perpétuo esplendor a multidão dos astros, que desde a primeira aurora resplandecem diante do trono da vossa divindade.”¹³³

O Doutor Seráfico utiliza imperativos para exortar ao amor e ao seguimento de Jesus, tais como *levanta-te* e *acorre*, dando a ideia da

¹³² LITURGIA das horas, 1978, p.816.

¹³³ LITURGIA das horas, 1978, p. 816.

agilidade, disposição, de consciência de valor, incitando o seu amor. Exalta o coração de Jesus como a inefável beleza do Deus altíssimo e puríssimo esplendor da luz eterna, como vida que vivifica a vida; luz que ilumina a luz, donde procede o rio que alegra a cidade de Deus e a fonte oculta aos olhos dos mortais. De fato, uma vez alcançado pelo amor de Deus, o franciscano deseja agora impelir seus leitores à busca deste mesmo amor no qual encontra a razão de sua vida.

Ó eterno e inacessível, brilhante e suave manancial daquela fonte oculta aos olhos de todos os mortais! Sois profundidade infinita, altura sem limite, amplidão sem medida, pureza sem mancha! De ti procede o rio que vem trazer alegria à cidade de Deus (Sl 45,5), para que entre vozes de júbilo e contentamento (cf. Sl 41,5) possamos cantar hinos de louvor ao vosso nome, sabendo por experiência que em vós está a fonte da vida, e em vossa luz contemplamos a luz (Sl 35,10).¹³⁴

O papa Bento XVI afirma que o Unigênito assumiu sobre si o destino do amor aniquilado a fim de que, derrotando o poder da morte, possa restituir a dignidade de filhos a cada ser humano que o pecado tornou escravo, porém, a preço caro: o filho Unigênito do Pai se imola na cruz. Tal amor vai além da cruz e transborda no seu lado aberto por uma lança.¹³⁵

Segundo o papa Bento XVI, o coração de Deus se comove e na solenidade litúrgica do Sagrado Coração de Jesus a Igreja oferece à contemplação dos seus fiéis o mistério do coração de Deus que se comove e derrama todo o seu amor sobre a humanidade. Para a meditação de tão grande realidade nessa solenidade, a Igreja, no seu Ofício Divino, recorre a Boaventura.

Essa *lectio* tem um caráter mais alegórico e se utiliza de imperativos para exortar o leitor à atividade, à ação. É por essa busca sedenta de Deus que busca o autor, que a Igreja propõe aos seus filhos a corrida para Deus.

¹³⁴ LITURGIA das horas, 1978, p. 817.

¹³⁵ BENTO XVI. **Homilia na celebração das vésperas da solenidade do Sacratíssimo Coração de Jesus**. Vaticano, 19 jun. 2009. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2009/documents/hf_ben-xvi_hom_20090619_anno-sac.html> acesso em: 21 jun. 2018.

4.2.2 Segunda – feira da quinta semana do Tempo Comum

Há ainda, na Liturgia das Horas, a presença duma perícopes boaventuriana retirada de seu *Brevilóquio* e intitulada *Do conhecimento de Jesus Cristo emana a compreensão de toda a Sagrada Escritura*, que se encontra na segunda-feira da quinta semana do Tempo Comum. Nessa semana do Tempo Comum, a leitura bíblica do Ofício das Leituras, isto é, a leitura que precede a leitura patrística, propõe a Carta aos Gálatas. Nesse dia, a perícopes do texto patrístico está associada à passagem bíblica de Gl 13, 2-10.

A fonte da Sagrada Escritura não está na investigação humana, mas na divina revelação que brota do Pai das luzes, de quem toda paternidade no céu e na terra recebe o nome. Desse Pai, por seu Filho Jesus Cristo, vem a nós o Espírito Santo e por este Espírito Santo, que reparte e distribui os dons a quem quer, é-nos dada a fé: pela fé Cristo habita em nossos corações. Ela é o conhecimento de Jesus Cristo, donde se origina a firmeza e a compreensão de toda a Sagrada Escritura. [...] Não é um resultado ou um fruto qualquer o benefício da Sagrada Escritura, em que estão as palavras de vida eterna. Ela foi escrita não apenas para que crêssemos, mas para que possuíssemos a vida eterna, onde veremos, amaremos e teremos satisfeitos todos os nossos desejos.¹³⁶

Nesse recorte, Boaventura traz a relação trinitária, com a menção do Pai das luzes do qual, por seu Filho, envia o Espírito Santo e concede a fé. É por ela que Cristo habita nos corações daqueles que a aceitaram. Ela é o próprio conhecimento de Jesus Cristo, donde se origina a firmeza e a compreensão de toda a Sagrada Escritura. Assim, fé e Escritura estão intimamente associadas.

O Concílio Vaticano II em sua Constituição Dogmática *Dei Verbum* expôs a realidade da revelação bíblica consistente no fato de Deus se dar a conhecer no diálogo que deseja ter com a humanidade ao afirmar que Deus, invisível na riqueza do seu amor, fala aos homens

¹³⁶ LITURGIA das horas, 1978, p.634.

como a amigos e convive com eles para os convidar à comunhão com Ele.¹³⁷

Para alcançarmos esse fruto e meta, avançando pelo reto caminho das Escrituras, cumpre começar do princípio. É necessário que nos aproximemos do Pai das luzes com fé pura, dobrando os joelhos do coração para que, por seu Filho, no Espírito Santo, conceda-nos o verdadeiro conhecimento de Jesus Cristo e, com o conhecimento, também o seu amor. Conhecendo-o, então, e amando-o, firmes na fé e arraigados na caridade, poderemos entender a largura, a extensão, a altura e a profundidade da Sagrada Escritura e por esta ciência chegar àquele intensíssimo conhecimento e desmedido amor da Santíssima Trindade. A ela atendem os desejos dos santos e nela se encontra a plenitude de toda a verdade e de todo o bem.¹³⁸

Boaventura afirma a impossibilidade de conhecimento da Sagrada Escritura antes de receber a fé em Cristo. Assim, a fé é a lâmpada que orienta, a porta que introduz a todas as iluminações espirituais. Apenas pelo mistério da Encarnação de Jesus Cristo há a possibilidade do conhecimento de Deus e da efusão da fé.

A Exortação Apostólica *Verbum Domini*, do papa Bento XVI, traz esta mesma realidade a partir do prólogo de São João: uma vez que o Verbo que existia desde toda a eternidade se fez carne, então pôde a comunicação amorosa de Deus se fazer plena¹³⁹, pois ninguém conhece o Filho senão o Pai e ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar (Mt 11,27).¹⁴⁰

São esses os textos de Boaventura colocados pela Igreja Universal no Ofício das Leituras da Liturgia das Horas. As Igrejas

¹³⁷ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Dogmática *Dei Verbum*. In: VIER, Frederico (Coord.). **Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações**. 23. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994. p. 37-117.

¹³⁸ LITURGIA das Horas, 1978, p. 573.

¹³⁹ BENTO XVI. **Exortação Apostólica pós-sinodal *Verbum Domini* do Santo Padre Bento XVI ao episcopado, ao clero, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos**: sobre a palavra de Deus na vida e na missão da Igreja. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

¹⁴⁰ BÍBLIA de Jerusalém, 2008, p. 2971.

Particulares, bem como as Famílias Religiosas podem ter, nas suas celebrações particulares da Liturgia das Horas, outros textos além desses aqui trazidos. Esses, porém, são comuns a todos os fiéis que celebram a Liturgia das Horas na Igreja Latina.

Essa *lectio* tem um caráter mais exegético. Boaventura comenta a Sagrada Escritura, não como investigação humana, mas como revelação divina dentro duma conjunção harmônica dos próprios textos bíblicos interligados. É a própria Sagrada Escritura que comenta o texto bíblico, estabelecendo paralelos que o autor apresenta exegeticamente.

5 CONCLUSÃO

Essa pesquisa buscou apresentar os textos de Boaventura de Bagnoregio presentes no Ofício das Leituras da Liturgia das Horas. Para isso, utilizou no seu início toda a estrutura do Ofício Divino com destaque ao Ofício das Leituras, e se perpassou tanto a história da Liturgia das Horas como também se colocou em destaque a época em que Boaventura viveu pois, como essa pesquisa buscou mostrar, não há um santo desvinculado da história e, também, a Liturgia das Horas em cada tempo, desde os seus inícios até os dias de hoje, exerce uma função de santificação na vida da Igreja por meio da vida de cada fiel que a reza com amor a Deus.

O primeiro capítulo dessa pesquisa apresentou a Liturgia das Horas, onde os fiéis têm, de modo geral, acessibilidade ao conteúdo de Boaventura. Jesus, obediente às tradições judaicas, já consagrava o tempo dos seus dias à oração e ao diálogo com Deus, sobretudo pela prece com os salmos. Dessa herança nasceu o costume cristão de recitar, periodicamente, a Liturgia das Horas, dedicando o dia do cristão ao contínuo diálogo com Deus e aplicando os efeitos da Eucaristia diária por todas as horas do dia, por assim se dizer.

O Concílio Vaticano segundo reformulou toda a estrutura dessa Hora Canônica, primeiro a renomeando e, por conseguinte, dando-lhe novo sentido: o *Ofício das Leituras* substitui as *Matinas*, que eram rezadas sempre de madrugada, possibilitando assim que essa Hora seja feita a qualquer momento do dia e da noite, tornando-a acessível pastoralmente a mais fiéis, para que os tesouros da tradição da Igreja nela contidos sejam mais amplamente difundidos.

Quando se analisam fatos históricos, olhando-os desde um todo, pode-se aí perceber a ação de Deus dentro de cada contexto, pormenor, mudança de época, de modo a se comunicar com suas criaturas no modo mais adaptável e possível a elas. Assim, em toda a história do Ofício Divino, alguns aspectos mudaram, outros permaneceram; alguns elementos foram introduzidos, outros retirados, mas sempre a ação de Deus é que permeia e demonstra seu desejo de se comunicar com sua Igreja. Comunicação essa da qual a Liturgia das Horas é um modo privilegiado.

O contexto escolástico do século XIII foi apresentado no segundo capítulo dessa pesquisa, para assim se compreender as origens do pensamento boaventuriano e sua mística, refletida em seus escritos.

O autor dos textos estudados, Boaventura de Bagnoregio, viveu na Idade Média, durante a escolástica. Durante sua vida se destacou entre os franciscanos e foi superior geral da Ordem e cardeal da Igreja.

A Ordem Franciscana, imbuída do carisma de Francisco de Assis, seu fundador, trouxe um novo olhar cosmológico para as criaturas de Deus: contemplou a fundo a presença do Criador em todas as suas obras, de modo especial na sua obra mais excelente: o ser humano. Por isso, entre os franciscanos, o carisma da fraternidade universal, do bem comum e da ecologia, bem como o espírito de despojamento e de pobreza material ganharam destaque. Boaventura conciliou tais aspectos com sua espiritualidade mística e trouxe a *novidade* dos registros escritos para a Ordem, enriquecendo-a com seu conhecimento.

No terceiro capítulo, a pesquisa apresentou os textos de Boaventura que, após a última edição da Liturgia das Horas, estão presentes no Ofício das Leituras, e estabeleceu seu paralelo com os dias atuais, enaltecendo sua atualidade e aplicabilidade hodierna.

Tendo, nesta pesquisa, apresentado os textos de Boaventura de Bagnoregio presentes no Ofício das Leituras da Liturgia das Horas, a questão de sua aplicabilidade hodierna, em contextos diferentes, continua tão útil quanto outrora, uma vez que seu objetivo de exortação à santidade é missão da Igreja em todos os tempos.

Conclui-se, desta forma, que os textos do Doutor Seráfico selecionados pela Igreja para integrarem a Liturgia das Horas possuem um apelo espiritual à vida mística, unitiva com Jesus Cristo em seu mistério pascal. É deste que provém a salvação e a santificação, que Boaventura buscou viver e transmitiu pela redação dos textos que, séculos após sua emissão, continuam em plena vigência.

Numa sociedade na qual impera o secularismo, o niilismo, o agnosticismo e a anti-metafísica, os textos de Boaventura aparecem como uma luz alternativa para a busca do transcendente e a chegada ao mais profundo das aspirações humanas, que consiste em repousar em Deus.

A experiência mística que o autor franciscano experimentou em seu itinerário de fé e relatou em seus escritos são um convite à vivência atual dessa mesma vida em Deus, como Boaventura viveu, aplicável a todo aquele que, tendo reconhecido seu amor, agora sente-se impelido a buscá-lo de coração sincero. O estudo da teologia não se limita ao âmbito acadêmico, como uma mera ciência, mas objetiva em elevar aquele que a ele se determina a uma experiência de Deus também.

A relevância dessa pesquisa consiste, precisamente, em incentivar as pessoas de boa vontade a meditar com profundidade de

oração os textos patrísticos presentes no Ofício das Leituras, de modo especial os de Boaventura, citados neste trabalho, e ao mesmo tempo serem convidados a testemunhar o Evangelho.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, João de. **O Ofício das Leituras**. Disponível em: <<http://www.joaoearaujo.com.br/default.asp?pag=p000016>>. Acesso em: 19 jun. 2018.
- AUGE, Matias. **Liturgia, História, Celebração, Teologia, Espiritualidade**. São Paulo: AM, 1996.
- BAGNOREGIO, Boaventura de. **Escritos filosóficos e teológicos**. Porto Alegre: EDIPUCRS; São Paulo: USF, 1999. v.1.
- BECKHÄUSER, Alberto. **Liturgia das Horas: teologia e espiritualidade**. Petrópolis: Vozes, 2010.
- BELLEI, Ricardo J. **A questão da interioridade no *itinerarium mentis in Deum* de São Boaventura**. Disponível em: <<http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/3430/1/000385153-Texto%2BCompleto-0.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2018.
- BENTO XVI. **Audiência geral**. 3 de março de 2010. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2010/documents/hf_ben-xvi_aud_20100303.html>. Acesso em: 20 jun. 2018.
- _____. **Audiência geral**. 17 de março de 2010. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedictxvi/pt/audiences/2010/documents/hf_ben-xvi_aud_20100317.html>. Acesso em: 20 jun. 2018.
- _____. **Exortação Apostólica pós-sinodal *Verbum Domini*: sobre a palavra de Deus na vida e na missão da Igreja**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.
- _____. **Homília na celebração das vésperas da solenidade do Sacratíssimo Coração de Jesus**. Vaticano, 19 jun. 2009. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2009/documents/hf_ben-xvi_hom_20090619_anno-sac.html> acesso em: 21 jun. 2018.

_____. **Os mestres medievais:** de Hugo de São Vitor a João Duns Escoto. Trad. L'Osservatore Romano. (org.) Silvio Grimaldo de Camargo. Campinas: CEDET, 2013.

BÍBLIA de Jerusalém. 8. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo : Loyola, 2001.

CASTELLANO. Jesús. **Oração e liturgia.** 2. ed. São Paulo: Paulus, 1992.

CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Dogmática *Sacrossanctum Concilium*. In: VIER, Frederico (Coord.). **Compêndio do Vaticano II:** constituições, decretos, declarações. 23. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994. p. 37-117.

DIDAQUÉ: o catecismo dos primeiros cristãos para as comunidades de hoje. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 1989.

FERREIRA, José. **Estrutura e celebração da Liturgia das Horas.** Aveiro: Secretariado Nacional de Liturgia.

FRANCISCANOS. **São Boaventura:** o teólogo de Cristo. Disponível em: <<http://franciscanos.org.br/?p=4342>>. Acesso em: 25 set. 2014.

GILSON, Etienne. **A filosofia na Idade Média.** Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GOMES, E.Evaldo X.; RAMOS, Rhawy C.; LIMA, Vicente F. **Código de Direito Canônico.** Brasília: CNBB, 2013.

INSTRUÇÃO Geral da Liturgia das Horas. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. v.1.

LITURGIA das horas: ofício das leituras. São Paulo: Paulinas, 1978.

MERINO, José A.; FRESNEDA, Francisco M. (coord.). **Manual franciscano.** Trad. Celso Márcio Teixeira. Petrópolis: Vozes, 2006.

OLIVEIRA, Thiago M. **Hagiografia e literatura:** um estudo da Legenda Maior Sancti Francisci, de Boaventura de Bagnoregio. 179 p.

Tese (mestrado) - Programa de Pós-Graduação de estudos da linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

PERIN, Conceição S. Em tela um estudo do mestre franciscano São Boaventura de Bagnoregio: os três caminhos da vida espiritual, ou incêndio do amor. In: **XXV Simpósio Nacional de História**, Fortaleza, 2009. Disponível em: <<http://anais.anpuh.org/wpcontent/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.0666.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

RODRIGUES, Ricardo A. **A (im)possibilidade de conhecer Deus no *Itinerarium mentis in Deum* de São Boaventura**. p. 11. Disponível em: <<https://www.periodicos.unifra.br/index.php/thaumazein/article/viewFile/173/pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

TRIACCA, Achille M. (Org.). **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 651-670.

VICENTE DE LÉRINS. *Commonitorium 2*.

VICENTE, Raffa. Liturgia das Horas. In: SARTORE, Domenico;